

RECRE(I)AR

Centro de recreação para crianças em vulnerabilidade social em João Pessoa, PB.







UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

RECRE(I)AR

Centro de recreação para crianças em
vulnerabilidade social em João Pessoa, PB.

Janaina Karolayne de Lima Barboza
Orientadora: Prof.^a Dr.^a. WylInna Carlos Lima Vidal

João Pessoa - PB.
Dezembro, 2022.

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

B239r Barboza, Janaina Karolayne de Lima.

RECRE(I)AR - Centro de recreação para crianças em vulnerabilidade social em João Pessoa, PB. / Janaina Karolayne de Lima Barboza. - João Pessoa, 2022.
102 f.

Orientação: Wylnna Vidal.
TCC (Graduação) - UFPB/CT.

1. Centro de recreação. 2. Infância. 3.
Vulnerabilidade social. I. Vidal, Wylnna. II. Título.

UFPB/BSCT

CDU 72(043.2)

Janaina Karolayne de Lima Barboza

RECRE(I)AR

Centro de recreação para crianças em vulnerabilidade social em João Pessoa, PB.

Trabalho de conclusão de curso apresentada ao Centro de Tecnologia, na graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Arquiteta e Urbanista

Banca Examinadora

Prof^ª. Dr^ª WylInna Carlos Lima Vidal
(Orientadora)

Prof^ª. Dr^ª Paula Dieb Martins
(Avaliadora)

Prof. Dr. Marcos Aurelio Pereira Santana
(Avaliador)

APROVADA EM _____ de _____ de 2022.

Thank you!



Agradecimentos

Não poderia começar esses agradecimentos de outra forma a não ser exaltando a Deus, que me sustentou e me deu forças durante toda essa jornada acadêmica, cuidou de cada mínimo detalhe da minha história e hoje me dá o privilégio de estar concluindo mais essa fase da minha vida. Eu não seria capaz de chegar até aqui se não fosse a graça e a misericórdia do Senhor. E faço das palavras do Salmista as minhas, quando diz em Salmos 118: 28-29: "Tu és o meu Deus; graças te darei! Ó meu Deus, eu te exaltarei! Deem graças ao Senhor, porque ele é bom e o seu amor dura para sempre."

Agradeço também a minha base e suporte nessa terra, um presente de Deus, que é a minha família. Minha querida vó e minhas tias, meus mais sinceros agradecimentos, pois sei que vocês oram por mim todos os dias e através dessas orações eu tenho conseguido ir cada vez mais longe. E para aqueles que mais amo nesse mundo, minha querida Mãe, meu amado Pai, minhas irmãs e meu sobrinho: Muito Obrigado por todo suporte! Vocês são exemplo para mim e carrego comigo um pouco de cada um de vocês. Obrigado por acreditarem em

mim e sempre me incentivar a ser cada vez melhor. Prometo que estarei sempre buscando ser o padrão "Janaína de excelência".

Aos presentinhos que a faculdade me deu, minhas Luluzinhas: Helo, Lari, Carol, Millena, Samia e Carina. Agradeço muito a vocês por compartilharem comigo esse trajetória e suportarem todas a montanha russa desse percurso. Com vocês tudo se tornou mais interessante. Agradeço também a minha orientadora: WylInna, eu não poderia escolher alguém melhor para me guiar nesse tão ardua tarefa.

Minha gratidão também as minha companheiras de apartamento, que acompanharam minhas madrugadas viradas em prol do TCC. Obrigada por deixar essa jornada mais leve. Inclusive em relação a madrugada não poderia esquecer de agradecer ao Bangtan Sonyeondan por também estarem comigo nessa trajetória e fazerem o melhor fundo musical que essa minha fase poderia ter.

Por fim agradeço a mim, por todo o esforço e garra para chegar ao fim desse percurso, só posso dizer uma coisa: **NÓS CONSEGUIMOS!**



“É preciso deixar o espaço suficientemente pensado para estimular a curiosidade e a imaginação da criança, mas incompleto o bastante para que ela se aproprie e transforme esse espaço através da sua ação.”

Mayumi Souza Lima

Resumo

A infância é uma fase primordial na vida das crianças, sendo nesse período em que ocorre a formação de muitos dos valores e conceitos que serão perpetuados durante a vida adulta. E nessa etapa inicial, que elas passam por um grande desenvolvimento, em diversas esferas, tais como física, emocional, intelectual e social. Portanto é imprescindível investir nas crianças pequenas para maximizar seu futuro bem-estar. Considerando, que a criança é um ser em formação é preciso, perceber como elas se relacionam com o mundo. Então através dos estudos realizados pode-se notar a importância do brincar, como sendo a expressão da linguagem infantil e a forma que ela interage com a realidade ao seu redor. Essa premissa do brincar tem sido bastante afetada quando as crianças se encontram em situação de vulnerabilidade social. O cenário no Brasil demonstra uma porcentagem de aproximadamente 45,5% de crianças e adolescente em extrema pobreza, quadro este que está representado nas ruas de João Pessoa, onde crianças vivenciam a vulnerabilidade, tendo sua infância usurpada. Sendo assim, a proposta desse presente trabalho vem como uma resposta para a necessidade de gerar um desenvolvimento positivo para esse público e assim propõe o Anteprojeto do Recre(i)ar - Centro de recreação para crianças em vulnerabilidade em João Pessoa, Paraíba. Equipamento com espaços planejados para atender as demandas de cada fase do desenvolvimento infantil, sendo destinado a experimentação e a livre recreação, proporcionando autonomia e buscando dar a confiança necessária para que essas crianças deixem de lutar por sobrevivência e passem a ter perspectiva de futuro.

Palavras-chaves: Centro de recreação; Infância; Vulnerabilidade social.

Abstract

Childhood is a primordial phase in children's lives, and it is during this period that many of the values and concepts that will be perpetuated during adult life are formed. It is in this initial stage that they undergo a great development, in different spheres, such as physical, emotional, intellectual and social. Therefore, it is imperative to invest in young children to maximize their future well-being. Considering that the child is a being in formation, it is necessary to understand how they relate to the world. So, through the studies carried out, the importance of playing can be noted, as being the expression of children's language and the way it interacts with the reality around it. This premise of playing has been greatly affected when children are in a situation of social vulnerability. The scenario in Brazil shows a percentage of approximately 45.5% of children and adolescents in extreme poverty, a picture that is represented in the streets of João Pessoa, where children experience vulnerability, having their childhood usurped. Therefore, the proposal of this present work comes as a response to the need to generate a positive development for this public and thus proposes the Preliminary Project of Recre(i)ar - Recreation center for vulnerable children in João Pessoa, Paraíba. Equipment with spaces planned to meet the demands of each phase of child development, intended for experimentation and free recreation, providing autonomy and seeking to give the necessary confidence for these children to stop fighting for survival and start to have perspective for the future.

Keywords: Recreation center; Childhood; Social vulnerability.

Lista de Figuras

Figura 01: Crianças sentadas próximo ao semáforo.....	15	Figura 41: Centro Playscape.....	44
Figura 02: Crianças pedindo esmola no semáforo.....	16	Figura 42: Jerusalém Miñaro.....	44
Figura 03: Equipamento Típico de Playground.....	17	Figura 43: Maple Bear.....	44
Figura 04: Crianças brincando de carrinho de rolemã.....	18	Figura 44: Níveis de vulnerabilidade social em João Pessoa por setor censitário.....	47
Figura 05: Gráfico da % do IVS em João Pessoa.....	26	Figura 45: Mapa da quantidade de crianças de 1 a 12 anos por bairro em JP.....	47
Figura 06: Gráfico de Crianças Vulneráveis no Brasil.....	26	Figura 46 e 47: Mapa dos equipamentos educacionais e de assistência em JP e zoom no bairro, pontuadas as comunidades do entorno.....	48
Figura 07: Criança em situação de vulnerabilidade Social.....	27	Figura 48: Localização do terreno escolhido.....	49
Figura 08, 09 e 10: Ambientes Waldorf.....	31	Figura 49: Mapa de contexto e dimensão do terreno.....	50
Figura 11, 12 e 13: Ambientes Reggio Emilia.....	31	Figura 50: Mapa de Uso e ocupação do solo.....	51
Figura 14, 15 e 16: Ambientes Montessori.....	31	Figura 51: Mapa de Gabaritos.....	51
Figura 17: Vista aérea do Centro comunitário The Playscape.....	38	Figura 52: Diagrama do Terreno.....	52
Figura 18, 19, 20, e 21: Processo de construção do Centro Comunitário The Playscappe.....	38	Figura 53 e 54: Diagrama de Evolução do partido.....	59
Figura 22: Planta baixa do Térreo - The Playscape.....	39	Figura 55: Diagrama de Evolução do partido.....	60
Figura 23, 24, 25 e 26: Exterior e interior - The Playscappe.....	39	Figura 56: Diagrama do Partido Final.....	60
Figura 27: Espaço flexível da Escola Jerusalén Miñaro.....	40	Figura 57: Implantação e acessos.....	61
Figura 28: Comunidade Jerusalén Miñaro na inauguração da Escola.....	40	Figura 58: Planta baixa do térreo.....	62
Figura 29: Planta baixa do Térreo - Jerusalén Miñaro.....	41	Figura 59: Fachada sul, entrada social.....	63 e 64
Figura 30, 31, 32 e 33: Exterior e interior - Jerusalén Miñaro.....	41	Figura 60: Perspectiva da esquina no terreno, mostrando o jogo dos telhados.....	65
Figura 34: Pátio de recreação do Fundamental - Maple Bear.....	42	Figura 61: Planta baixa da coberta.....	66
Figura 35: Fachada principal da Escola Maple Bear.....	42	Figura 62 e 63: Corte com a relação de coberta, calhas e a caixa d'ág	
Figura 36: Planta baixa do Pavimento Inferior - Maple Bear.....	43		
Figura 37, 38, 39, e 40: Exterior e interior - Maple Bear.....	43		

ua.....	67
Figura 64: Fachada Oeste.....	68
Figura 65: Fachada Leste.....	69 e 70
Figura 66 e 67: Diagrama dos setores da recreação.....	71
Figura 68 e 69: Diagrama dos setores da recreação.....	72
Figura 70: Diagrama da sala de desenvolvimento motor sensorial.....	73
Figura 71: Visão geral Sala motor/ sensorial.....	74
Figura 72: Escorregador e piscina de bolinhas.....	74
Figura 73: Diagrama da recreação interna do Centro.....	75
Figura 74: Vista da recreação interna.....	76
Figura 75: Vista 02 da recreação interna.....	76
Figura 76: Vista da recreação interna.....	77 e 78
Figura 77: Diagrama da biblioteca.....	79
Figura 78: Vista da biblioteca aberta.....	80
Figura 79: Vista do interior da biblioteca.....	80
Figura 80: Diagrama da área de recreação externa.....	81
Figura 81: Vista do deck suspenso.....	82
Figura 82: Vista do terraço e do tubo.....	82
Figura 83: Diagrama indicando os percursos e visuais do tubo.....	83
Figura 84: Corte de detalhe do tubo.....	84
Figura 85: Vista da área de recreação externa.....	85 e 86
Figura 86: Vista da área de recreação externa.....	87 e 88

Fonte das imagens das partes pre-textuais: Ilustradora Maria Girón.

Lista de Quadro

Quadro 01: Quadro resumo das Pedagogias inovadoras.....	30
Quadro 02: Ficha Técnica - Centro Comunitário para crianças.....	38
Quadro 03: Ficha Técnica - Escola primária de Ensino Fundamental e Médio.....	40
Quadro 04: Ficha Técnica - Escala bilíngue de Ensino infantil e fundamental.....	42
Quadro 05: Resumo da Análise.....	44
Quadro 06: Condicionante legais do projeto.....	52
Quadro 07: Dimensionamento da população.....	53
Quadro 08: Dimensionamento dos funcionários.....	54
Quadro 09: Análise para construção do programa de necessidade.....	55
Quadro 10: Programa de necessidade.....	56



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1.



- 1.1. Apresentação do tema
- 1.2. Justificativa
- 1.3. Objetivos
- 1.4. Etapas de trabalho

pág. 14

CONSIDERAÇÕES FINAIS

5.



pág. 90

REFERENCIAL TEÓRICO

2.



- 2.1. Infância
- 2.2. Vulnerabilidade Social
- 2.3. Pedagogias Inovadoras
- 2.4. Recreação

pág. 22

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

6.



pág. 94

REFERÊNCIAS PROJETOUAIS

3.



- 3.1. The Playscape (CHINA)
- 3.2. Jerusalen Miñaro (PERU)
- 3.3. Maple Bear (BRASIL)
- 3.4. Quadro resumo

pág. 36

APÊNDICE

7.



pág. 98

PROJETO

4.



- 4.1. O lugar
- 4.2. O processo
- 4.3. O resultado
- 4.4. Recrear

pág. 46

INTRODUÇÃO

APRESENTAÇÃO DO TEMA

1.1

A infância é uma fase primordial na vida de todos os seres humanos, é nessa fase que ocorre o maiores saltos de desenvolvimento, em diversos âmbitos, seja motor, cognitivo, emocional, social ou intelectual. Tendo e vista a importância desse período, torna-se imprescindível a necessidade de garantir que as crianças tenham uma progressão positiva em cada estágio da infância. Pois já se compreende que é nesta período que são formados muitos das características que se perpetuarão na vida adulta, sendo elas positivas ou negativas.

Considerando, que a criança é um ser em formação é preciso, como afirma Carvalho (2016), perceber como ela se relaciona com o mundo. De acordo com o primeiro volume do Referencial Curricular Nacional (1998), formulado pelo Ministério de Educação e Cultura (MEC), entende-se a brincadeira como a forma de linguagem infantil. Corroborando com esse preceito, na publicação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 1999), a criança é apresentada como sujeito ativo que interage com o mundo por meio da brincadeira e principalmente, como alguém com direito a viver sua infância. É por meio da brincadeira que a criança aprende a socializar, a seguir regras e descobre o mundo ao seu redor. (TEXEIRA, 2014, apud CARVALHO, 2016).

Apesar desse direito e de muitos outros alcançados pelo Estatuto da criança e do Adolescente (ECA, 1990), a criança tem em sua caminhada histórica a falta de reconhecimento de suas particularidades, sendo vista muitas vezes como um pequeno adulto. Mesmo que desde o século XVIII, tenha se firmado o conceito de infância, sendo a fase destinada ao maior cuidado e proteção, a situação que se encontra muitas crianças atualmente, em situação de extrema pobreza e



Figura 01: Crianças sentadas próximo ao semáforo.
Fonte: Google images

vulnerabilidade, faz com que ela perca essas características da infância e se volte a suprir as necessidades dos seus responsáveis.

A agência Brasil, aponta que mais de 40% dos brasileiros de até 14 anos vivem em situação de vulnerabilidade. Não é difícil de se deparar, ao andar nas ruas das principais capitais do Brasil a quantidade de crianças em semáforos pedindo esmola, muitas vezes sendo observados de longe pelas pais. Esse cenário além de deixa-las exposta, a diversos riscos, como agressão física, sexual ou até mesmo contra sua própria vida, também faz com que elas passem a ter um sentimento de responsabilidade pelo sustento em casa, perdendo totalmente os anos preciosos que deveriam ser destinados ao desfrute da infância.

Figura 02: Crianças pedindo esmola no semáforo



Fonte: Acervo JC Imagens < jc.ne10.uol.com.br >

É envolto nessa perspectiva que a discussão desse trabalho se estrutura, trazendo argumentos sobre a relevância da brincadeira como parte essencial do desenvolvimento integral da criança e como esse mecanismo pode vir a ser uma resposta para atender as demandas do público das crianças em vulnerabilidade social. Entendendo que quando a criança brinca, ela encontra-se acima de sua própria idade, acima de seu comportamento diário, maior do que é na realidade (VYGOTSKY, 1984, apud SILVA, 2018)

Segundo Brougère (2010, apud CARVALHO, 2016), a brincadeira era tida como algo fútil e sem sentido, tendo apenas o objetivo de distrair e sendo visto pela sociedade com sinônimo de desinteresse pelo que é sério. Atualmente há uma maior disseminação sobre os benefícios da recreação, o próprio autor, afirma que a criança constrói a sua cultura lúdica, brincando e essa diversidade cultural surgiu em ambientes que concentram um determinado número de crianças e buscam estimular a brincadeira de forma livre e ao mesmo tempo direcionada, para ele o ambiente que corresponde a essas características é a escola.

Infelizmente no cenário atual os equipamentos de educação infantil da rede pública, apesar de aderirem ao uso da brincadeira como função pedagógica e de desenvolvimento infantil, nem sempre oferecem a estrutura física necessária para realizá-la, como também os espaços de recreação em sua maioria não são acessíveis para o público das crianças em vulnerabilidade social, além disso a maior parte dos órgãos de assistencialismo também não contemplam o uso da brincadeira como maneira de entender e se comunicar com as crianças.

A maioria das escolas públicas que possuem áreas de recreação ou são instalados novos, são os equipamentos conhecidos normalmente como “playground”, que condensam várias atividades num equipamento

só, como demonstra a figura 03 e são muitas vezes alocados num pequeno espaço e voltado para atender a demanda de toda a escola, com diferentes faixas etárias. Enfatiza-se assim a visão que é tida dos espaços de recreação.

Figura 03: Equipamento típico de Playground



Fonte: G1 Globo < g1.globo.com/

Dessa maneira a construção realizada no presente trabalho tem com foco um caminho onde a temática será gradualmente abordada. Iniciando num aprofundamento sobre a importância da infância e as fases que ela se apresenta e depois conceituando a situação de vulnerabilidade social enfrentada pelo público alvo e as consequências dela. Na busca por metodologias que tratem a brincadeira como estratégia importante no desenvolvimento das crianças é apontado

alguns ideários das pedagogias inovadoras e por fim na conceituação teórica traz-se à tona os conceitos de recreação e as formas que são categorizados.

Partindo desses pontos é exposto o resultado no qual culminou todas essas etapas anteriores: O Recre(i)ar - o Anteprojeto de um Centro de recreação para crianças em vulnerabilidade na cidade de João Pessoa - Paraíba. Essa proposta engloba a resposta almejada para a problemática em que busca-se atender as necessidades presentes em cada fase. Porém, por ser uma proposta de um equipamento novo, que tem sua principal atenção voltada a proporcionar a recreação, pode-se ainda carregar desafios, mas pretende-se propagar essa cultura e como cita Kishimoto:

A criança não nasce sabendo brincar, ela precisa aprender, por meio das interações com outras crianças e com os adultos. Ela descobre, em contato com objetos e brinquedos, possibilidades de uso desses materiais. Observando outras crianças e as intervenções da professora ela aprende novas brincadeiras e suas regras. Depois que aprende, pode reproduzir ou recriar novas brincadeiras. Assim elas vão garantindo a circulação e preservação da cultura lúdica (KISHIMOTO, 2010, p.62, apud, CARVALHO, 2016).

1.2 JUSTIFICATIVA

Devido a visão única da criança de ver o mundo e interagir com ele, a brincadeira tem um papel de suma importância para o desenvolvimento infantil em seus mais diversos aspectos. Por isso, trazer à tona a discussão da recreação na formação da criança e propor um projeto voltado a atender essa necessidade e este público é de grande relevância. Ainda mais, como afirma Carara (2016), o cenário da sociedade atual é marcado pela supressão de direitos, principalmente infantis, os quais deveriam garantir a plenitude dessa fase, em que está se construído a personalidade e sendo descoberto seu papel no mundo, na verdade, está sendo bastante afetado a partir do momento em que esse público se encontra em vulnerabilidade social.

Figura 04: Crianças brincando de carrinho de rolemã.



Fonte: Série de fotos da Hypeness

OBJETIVOS 1.3

Objetivo geral

Desenvolver um Anteprojeto arquitetônico para um Centro de recreação para crianças em vulnerabilidade social, em João Pessoa - PB.

Objetivos específicos

1. Compreender a realidade das crianças em vulnerabilidade social e como essa situação influencia na vida das mesmas. Para assim, propor de maneira que atenda às necessidades desse grupo.
2. Analisar como as pedagogias inovadoras e os conceitos do brincar podem ser refletidos no espaço e assim contribuir para a qualidade deles para as crianças.
3. Compreender através do estudo de correlatos quais são as estratégias que podem ser utilizados para propiciar a recreação.
4. Desenvolver ambientes que estimulem a curiosidade e criatividade das crianças, tornando-se espaços lúdicos e atrativos.

1.4 ETAPAS DE TRABALHO



As etapas do presente trabalho foram divididas em 6 pontos principais:

1. Revisão bibliográfica

Inicialmente foi realizada a revisão dos referenciais teóricos sobre os temas pertinentes a construção deste trabalho, tais como: a infância, a vulnerabilidade social nesse período, as pedagogias inovadoras e sua relação com o espaço e a brincadeira como meio de desenvolvimento para as crianças. A pesquisa foi feita em sua maioria por meio do Google Acadêmico através das monografias, dissertações, teses, artigos e revistas científicas, além de livros com foco nos temas centrais do trabalho.

Essa etapa se organizou primeiramente com uma breve contextualização acerca da importância da infância e as suas fases, em seguida abordou-se sobre a vulnerabilidade social e suas implicações no recorte do público alvo e por fim apresentou-se as conceituações sobre as pedagogias inovadoras e a recreação, trazendo a tona a discussão sobre as estratégias do recrear como possíveis soluções para a problemática encontrada.

2. Análise dos correlatos

Nesta etapa foram selecionados três correlatos, de espaços que carregam maior proximidade com as ideias almejadas para a proposta deste trabalho e que puderam colaborar nas decisões projetuais. Essa seleção buscou diferentes áreas de abrangências, sendo: mundial (China), América latina (Peru) e nacional (São Paulo). A análise se deu através da categorização de 5 aspectos de maior influência para a proposta do Centro de recreação, sendo eles: o programa, os elementos arquitetônicos e construtivos, o volume e sua inserção, a materialidade e o conforto ambiental.

Por fim, os aspectos foram dispostos em um quadro síntese e elencadas as estratégias que foram referência em cada correlato, sendo possível destacar tanto o que se pretendeu utilizar no Anteprojeto proposto e como também aqueles que mais contribuíram para o produto final.

3. Desenvolvimento do projeto

A terceira etapa teve o foco inicial no estudo preliminar. Primeiramente realizou-se o levantamento dos locais em João Pessoa que apresentam altos índices de Vulnerabilidade Social e também a concentração de crianças na faixa etária do público-alvo, através dos dados do IPEA, IBGE e da análise feita pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social (SEDES) da PMJP, juntamente com a PUC-SP e a UFPB, em 2009. E, a partir da observação desses dados, houve a escolha do terreno, buscando uma localização estratégica, explorando suas potencialidades e fragilidades. Este estudo de viabilidade do terreno conta também com o diagnóstico dos aspectos que delimitam a proposta tais como: os condicionantes legais, climáticos e físicos, compreendendo aspectos do seu entorno e da sua inserção e como a proposta se adequa ao atendimento delas.

Ademais, houve a estruturação do programa de necessidade, agregando o que foi apreendido nos correlatos e tendo como referência a Portaria nº 321 do Ministério da Saúde de 1998, a cartilha do Ministério da Educação de 2006 com os parâmetros básicos de infraestrutura para instituições de educação infantil e alguns pontos apresentados pelo livro de Kowaltowski, 2011. Dessa maneira, se produziu também o pré-dimensionamento dos ambientes e o fluxograma, contribuindo para o posicionamento adequado dos espaços no terreno. Juntamente com isso, foi feita a estimativa da população, constando nela os funcionários e a quantidade de crianças atendidas.

4. Realização do Anteprojeto

Após a integração das partes anteriores, partiu-se para o desenvolvimento do Anteprojeto em que, apoiado pelos conceitos e

diretrizes estabelecidos, foi lançado o partido arquitetônico. Levando em consideração a criação de espaços atrativos e que induzam a criatividade das crianças.

Nessa etapa produziu-se as plantas de implantação, do pavimento térreo, da cobertura, de layout, das estratégias de recreação aplicadas, a volumetria final e também o sistema estrutural utilizado e seu pre-dimensionamento, seguindo o livro de Yopanan Rebello e o dos reservatórios de água, de acordo com a NBR 5626.

5. Produção Gráfica

Esta etapa foi destinada a produção do material final, sendo ele composto por uma parte mais teórica e descritiva e a outra o resultado da proposto projetual, tendo como produto o caderno final do trabalho e as pranchas técnicas. Portanto foi realizado os ajustes da representação técnica do projeto, seguindo a NBR 6492 de representação de projetos de Arquitetura. Para a produção foram utilizados alguns programas: o QGis, para os mapas, o Revit, que é uma ferramenta Building Information Modeling (BIM), em que as etapas de modelagem 2D e representação 3D são simultaneamente feitas, foi utilizado na produção e representação do projeto, para as imagens realistas e também para as pranchas técnicas, o Photoshop, para a pós produção e diagramas e por fim o Indesign, na produção do caderno final.

6. Revisão

Ao fim esta etapa teve como finalidade a revisão e correção tanto da parte escrita e teórica do trabalho, como também da parte gráfica e do projeto.

**REFERENCIAL
TEÓRICO**



02

2.1 INFÂNCIA

A infância é uma fase primordial na vida das crianças, é nesse período em que ocorre a formação de muitos dos valores e conceitos que serão perpetuados durante a vida adulta, conforme Camargo (2020) essas características vão refletir em suas relações sociais e na forma como lidarão com o futuro. Nessa etapa inicial da vida, as crianças passam por um grande desenvolvimento, em diversas esferas, tais como física, emocional, intelectual e social. “Por isso, há uma importância de entender bem a necessidade de investir nas crianças pequenas para maximizar seu futuro bem-estar.” (VASCONCELOS, 2020)

No entanto, até o início do século XIII, não existia a compreensão do conceito de infância, como afirma Ariès, 1981 apud Carvalho, 2016, a criança não era vista como um ser com suas especificidades, ou seja, um ser com suas próprias ideias e interesses, mas como um adulto em miniatura, assim que conseguia viver sem necessitar do apoio, já ingressava na vida adulta. É só por volta do século XVIII que o entendimento da infância se estabelece, conformando-se como o período de tempo em que se reconhece a dependência e a necessidade de proteção, sendo, portanto, a criança cuidada, escolarizada e preparada para seu futuro. É, a partir dessas ideias que surge a palavra infância designando a primeira idade de vida (de 0 a 12 anos). (CARVALHO, 2016)

Dentro desta perspectiva, tomou-se por referência a Teoria Psicossocial do Desenvolvimento de Erik Erikson, propagada na segunda metade do século XX, e que corrobora para uma melhor compreensão do período da infância. Para ele, há quatro estágios no desenvolvimento infantil, sendo eles: o bebê (0 - 1 anos), a infância inicial (1 - 3 anos), a idade do brincar (3 - 6 anos) e a idade escolar

(6 - 12 anos). Em cada fase, há uma força e uma crise central, na qual dependendo da forma que se passe por elas, pode-se sair mais fortalecido ou mais frágil. (RABELLO, 2007) Segue uma síntese de cada fase:

bebê: 0 - 1 anos



- No primeiro estágio a criança está receptível ao que lhe é apresentado, sua atenção maior é dirigida a quem lhe dá conforto e supre suas necessidades, sendo sua primeira relação social com a mãe e/ou seus cuidadores. Nesta etapa ressalta-se a vontade de pegar e agarrar-se as coisas e por outro lado, também caracteriza uma fase de perdas, com o desmame, surgimento dos dentes e o tempo sem a mãe. (BARROS, 2019) É a partir dessas vivências, que surge a crise desse período, ao ponto que os anseios do bebê são satisfeitos gera-se uma confiança, e incentiva-se a força básica da esperança, aprendendo a confiar não apenas nos provedores externos, mas em si mesmo. Caso não ocorra e seus desejos sejam negligenciados, fica o sentimento de desconfiança no mundo, podendo repercutir no seu emocional no futuro. (ERIKSON, 1987 pág. 102 apud RABELLO, 2007 pág. 4)

1 - 3 anos

- O segundo estágio, refere-se a um maior desenvolvimento motor, a fase em que a criança está aprendendo a ficar de pé, e passa a direcionar “sua energia às experiências ligadas à atividade exploratória e à conquista da autonomia.” (RABELLO, 2007, pág. 5) A força que estimula essa fase é a vontade, ela deseja explorar os espaços ao máximo e na busca por essa independência percebe que é necessário respeitar algumas regras e esse entendimento leva a um

Infância inicial:



aprendizado. Porém nesse processo a criança fica exposta ao sentimento de vergonha e até dúvida sobre suas capacidades, tendo o medo de realizar algo de maneira errada. Se por outro lado, é dada uma autonomia assistida, na qual um cuidador se encontra próximo para auxiliá-la, essa consegue, juntamente com o sentimento de confiança do estágio anterior, ganhar maior autoestima. Ressalta-se que a dimensão lúdica se torna importante nesta fase, sendo “um refúgio que ajuda a criança a dominar a dúvida e a vergonha e desenvolver a autonomia dentro de seu próprio conjunto de limites e regras” (ERIKSON, 1998, apud, BARROS, 2019)

Idade do brincar: 3 a 6 anos

- No estágio três, a combinação das etapas anteriores de confiança e autonomia, como afirma Erikson, 1987, apud, Rabello 2007, proporciona a criança maior determinação e iniciativa. Pelo fato de nesse período já haver um maior conjunto de relações, de ser a fase da alfabetização e a inserção nos ambientes com maior intencionalidade, a criança ganha novas capacidades cognitivas e motoras e começa a mostrar traços da sua personalidade. A força básica desse estágio é o propósito, pois ela já sente ser capaz de planejar e realizar, “começa a vislumbrar objetivos, investigar e elaborar fantasias; em que começa a pensar em ser grande e a se identificar com os adultos.” (BARROS, 2019, pág. 16) A crise que emana desse terceiro estágio é a iniciativa versus a culpa, pois com a empolgação de alcançar as metas que muitas vezes estão além de suas capacidades, ela se sente culpada. Por isso, torna-se imprescindível nessa etapa que as crianças compreendam o que ainda está fora de suas possibilidades, mas que



há formas de praticar, utilizando-se de jogos, brinquedos e dramatizações que criem uma realidade intermediária. (RABELLO, 2007)

Idade escolar: 6 a 12 anos



- Por fim, o último estágio do desenvolvimento infantil é aquela em que a criança passa a ter consciência da escolarização, tendo maior contato agora com pessoas da mesma idade e adquirindo maior facilidade no planejamento e execução de tarefas, interessando-se ainda mais pelos adultos e desejando imitá-los. (ERIKSON, 1998 apud, BARROS, 2019) Dessa maneira, procura desenvolver habilidades colocando sua energia e motivação na busca de competências. Para elas a realização dessas atividades e o reconhecimento que recebem dá prazer e forças para continuar progredindo. No entanto se falham na concretização dessas competências, as vezes por não terem acompanhamento ou pelo excesso de exigência fomenta-se o sentimento de inferioridade (RABELLO, 2007), surgindo a percepção de ser incompleto, sendo este a crise desse período. Portanto para evitar que se sintam inferiores e corram o risco de estagnarem no desenvolvimento é importante serem encorajadas e reconhecidas.

O entendimento desses estágios do desenvolvimento infantil, segundo as teorias de Erick Erickson, é importante para alicerçar que “crianças assimilam e interagem de forma completamente diferente do adulto” (BARROS, 2019) Em cada etapa encontram-se diferentes necessidades e resoluções de tensões, que por sua vez, funcionam como estímulos para a evolução, sendo necessário um bom encaminhamento e estabelecimento de uma estreita ligação entre cada uma delas.

Tendo em vista a importância de um bom desenvolvimento na infância, é imprescindível assegurar às crianças os direitos que foram conquistados desde o segundo pós-guerra, quando a ONU promulga a Declaração dos Direitos da Criança, em 1959, confirmando a ideia da criança como portadora de direitos. No Brasil, esse reconhecimento tornou-se mais consolidado a partir da Constituição Federal de 1988, que de acordo com Duarte (2018), foi marco decisivo na compreensão de que a responsabilidade social pelo desenvolvimento da criança, não era apenas dever da família, mas da sociedade e do governo garantindo à criança todas as proteções devidas.

Dois anos após é promulgada o Estatuto da criança e do adolescente (ECA, 1990), que concretiza as conquistas dos direitos das crianças. Após esses, mais leis e diretrizes foram aprovadas, tais como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96), que estabeleceu a educação infantil como etapa inicial, sendo consolidado pelo Referencial Curricular Nacional (1998), que apresenta orientações pedagógicas, entre elas encontra-se a brincadeira como meio de linguagem infantil. Posteriormente na busca por melhorar a qualidade da educação básica é instituído as Diretrizes Curriculares Nacionais (2009), que compreende o direito da criança de viver sua infância. Essas visões fortalecem a ideia da criança como um ser com suas particularidades e necessidades, tal como descrito nas Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação infantil:

“A criança é um sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.” (DCNEI, 2009)

O cumprimento desses direitos que sustentam garantias para as crianças, como proteção, alimentação, lazer e educação básica de qualidade, são fundamentais para que elas possam se tornar pessoas que compreendem seus direitos e deveres na sociedade. (SILVA, 2013) Porém, a leitura do cenário atual denuncia um descompasso entre o que é proposto e a realidade das crianças, pois segundo Paschoal e Machado (2009) há inúmeros desafios para o efetivo atendimento desses direitos, dentre eles apresenta-se questões como acesso, qualidade dos equipamentos e dos profissionais e também a realidade encontrada em uma porcentagem significativa da população infantil, por volta de 45,5% de crianças e adolescentes entre 0 e 14 anos encontram-se em condições de extrema pobreza, (ABRINQ, 2021) e vivenciam a vulnerabilidade social, tendo sua infância usurpada.

VULNERABILIDADE SOCIAL 2.2

A vulnerabilidade pode se apresentar de diversas formas, no presente estudo abordaremos a sua dimensão social. Este é um conceito multidimensional que se refere à condição de indivíduos ou grupos em situação de fragilidade, que os tornam expostos a riscos e a níveis significativos de desagregação social. (XIMENES, 2010) O sujeito que é exposto à vulnerabilidade torna-se muitas vezes incapaz de mudar sua situação atual, estando em condições precárias e lutando por sobrevivência.

No concernente ao público alvo, as crianças são consideradas socialmente vulneráveis por diversos fatores:

“destacam a extrema pobreza, baixa escolaridade na família, envolvimento de familiares com drogas,

localização de suas moradias (geralmente em locais afastados dos centros urbanos), conflitos familiares, problemas com a justiça, falta de atenção dos pais e a instabilidade familiar.” (SILVA, 2018, p. 12)

A autora ainda conceitua que, as crianças e jovens expostos à vulnerabilidade social encontram-se em situações de desigualdade social, gerando exclusão e contribuindo para que estes não consigam ter pleno acesso à cultura, lazer e a educação. Esse desarranjo, interfere no desenvolvimento infantil e, como afirma o educador Paulo Freire: “esses indivíduos vulneráveis têm sua humanidade roubada e estão longe de se assumirem como pessoas de direito e capazes de tornarem-se seres para si.” (FREIRE, 2015 apud SILVA, 2018)

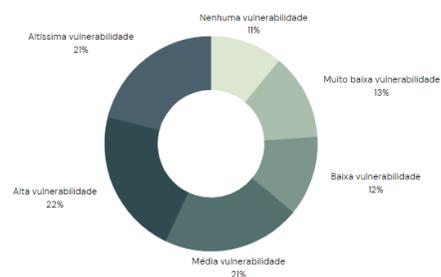
De acordo com os dados, apontados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), no Atlas da vulnerabilidade social nos municípios brasileiros (2015), o país está na faixa do médio Índice de vulnerabilidade social (IVS), correspondendo ao valor de 0,326, decorrente, principalmente da maior evolução no IVS Renda e Trabalho, que evoluiu 34% quando se compara com as taxas encontradas em 2000. O próprio atlas sugere que esses indicadores são refletidos pela redução da informalidade, do trabalho infantil e o aumento da ocupação. Assim os pais tem oportunidade de trabalhar mas, em contrapartida, as crianças precisam ficar com algum parente ou numa creche. Nessas elas recebem assistência, porém não é voltado para aprimorar o desenvolvimento necessário em cada fase da vida da criança.

No Nordeste, os dados também apontam uma mudança do quadro, com uma diminuição do IVS de muito alta para alta vulnerabilidade em 2010, o cenário mostra que mais de 47,7% dos municípios do nordeste estão agrupados na faixa do IVS alto. Referente ao cenário local deste trabalho, João Pessoa, também

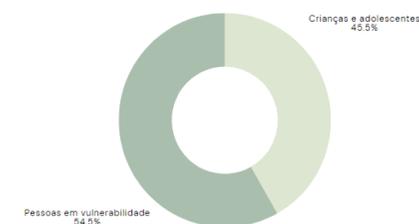
apresenta melhorias nos índices, entre o período de 2000 a 2010, pois está na faixa de baixo IVS. Porém, não significa que toda a população e território da capital encontra-se nessa faixa. Estudos realizados pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social (SEDES/PMJP), juntamente com a PUC-SP e a UFPB, em 2009 mostram que 20,9% e 22% da população está em muito alta e alta vulnerabilidade respectivamente (Figura 05).

Considerando as crianças, público alvo do presente trabalho, o relatório da Associação Brasileira dos Fabricantes de Brinquedos (ABRINQ) sobre o “Cenário da Infância e da Adolescência no Brasil - 2018” aponta que dos 55 milhões de pessoas em situação de pobreza ou extrema pobreza no Brasil, 23 milhões correspondem a crianças e adolescente de 0 a 14 anos (Figura 06) e como ressalta Patto (2010, apud SILVA, 2018), as crianças oriundas de famílias nessas situações de vulnerabilidade, são as que apresentam um menor desempenho escolar. No que se refere a educação, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2019 mostra que 1,5 milhões de crianças ainda estão fora da escola, e dentre as que estão estudando 6,4 milhões tem dois ou mais anos de atraso escolar, com dificuldade de aprendizagem.

Figura 05: Gráfico % do IVS em JP. Figura 06: Gráfico crianças vulneráveis no BR



Fonte: João Pessoa, 2009.



Fonte: ABRINQ, 2021.

No contexto de João Pessoa, de acordo com as notícias divulgadas no site da Prefeitura Municipal (PMJP), dados de 2021, mostram que há muitas crianças em vulnerabilidade social e menciona o caso do serviço especializado de abordagem social, o Ruartes, que cadastrou cerca de 100 crianças expostas em situação de vulnerabilidade social nas ruas da capital. No entanto, estima-se que há um número muito maior pois muitos fogem da equipe de assistência social, além do quadro estar agravado devido ao contexto de pandemia e crise econômica vivenciado nos últimos dois anos.

Figura 07: Criança em situação de vulnerabilidade Social.



Fonte: Centro Educacional Novas abordagens Terapêuticas.

É nesse panorama que se encontra o público alvo deste trabalho e como mencionado anteriormente, esse quadro interfere na vida e o desenvolvimento integral dessas crianças. Para Kramer (2011 apud Carvalho, 2016) as crianças em vulnerabilidade social apresentam deficiências que deveriam ser compensadas na escola, diminuindo as diferenças existentes entre essas crianças e as demais em relação ao seu desempenho escolar. Contudo, a realidade que se apresenta frequentemente são crianças com “falta de limites, resistência em cumprir atividades propostas, não cumprimento de regras, agressividade

para com os colegas e professores e vocabulário não adequado para tratamento com os conviventes” (SILVA, 2018). Além disso, essas crianças têm dificuldade de socializar e se relacionar com outras pessoas.

Esses comportamentos, em sua maioria são reflexos do que vivenciam em casa, pois na tentativa de não se sentirem incapazes e impotentes, frente às condições que as constroem, se utilizam de agressividade, pois vivem no seu cotidiano um ambiente de violência, com falta de afeto e estando constantemente sendo expostas a conflitos (VUCHINICH et al. 1992 apud SILVA, 2018). Autores como Sopelsa (2000) e Vygotski (1989 apud SILVA, 2018), apontam que, por sofrer influência do meio desde seu nascimento, eles demonstram comportamentos semelhante aos que vivenciam e passam a ter seu desenvolvimento intelectual e emocional prejudicados, gerando inseguranças e baixa autoestima e fazendo com que não sintam motivações para participar de atividades escolares, causando assim um grande número de insucesso escolar para essa parcela de crianças em vulnerabilidade social (SILVA, 2018)

O quadro que se apresenta ressalta que a dificuldade de aprendizagem dessas crianças decorre de diversos fatores, tais como: fome, desmotivação, falta de estímulo, desestrutura familiar e problemas pessoais. Dessa maneira, para que a criança possa ter um melhor rendimento e desenvolvimento não apenas escolar, mas na vida, é necessária uma boa saúde física e mental (CARARA, 2016) Faz-se necessário ainda ter uma atenção mais profunda, para que se possa compreender além da superfície e busque ver o estado emocional e quais são as experiências que esses indivíduos estão enfrentando em seus lares e a partir disso poder estimulá-los de forma que sintam prazer no seu desenvolvimento e assim se amenize um pouco dos danos que são causados pela sua realidade. (SILVA, 2017)

2.3 PEDAGOGIAS INOVADORAS

Consolidada a compreensão da criança como um ser que precisa de cuidado e proteção, fortaleceu-se a ideia de que elas também necessitavam ser rigidamente ensinadas para se tornarem adultos socialmente aceitos (CARVALHO, 2016). Dessa feita, as escolas e a educação pré-escolar tornaram-se instituições bastante procuradas. As duas grandes Guerras Mundiais também influenciaram na relevância dada para os espaços que cuidavam das crianças, pois os homens foram recrutados e as mulheres precisaram assumir postos de trabalho, assim seus filhos necessitavam de espaços que os acolhessem.

Diante dessa demanda, surge dois vieses de atendimento para essa população: para as crianças menos favorecida, surgiram as creches, apresentando-se como uma medida compensatória e assistencialista, tendo o papel de superar a miséria, a pobreza e a negligência das famílias, fornecendo proteção e nutrição às mesmas, além de estimular precocemente o preparo para a alfabetização (CARVALHO, 2016). Enquanto isso, as crianças de classes sociais de maior prestígio eram atendidas pelos jardins de infância, que se propunham a incentivar o desenvolvimento físico e afetivo, privilegiando a criatividade e a socialização.

Nota-se que dependendo da classe social, as crianças eram atendidas com diferentes propostas. No entanto, ressalta-se que, apesar de não se tirar o valor da assistência que as crianças mais vulneráveis necessitam, essas deveriam vim agregadas com o pensamento de desenvolvê-las, sendo esse desenvolvimento promovido não apenas da educação nos padrões/moldes convencionais, até então estabelecidos, mas por meio de uma relação mais articulada com novas metodologias que compreendem a criança como “centro

da educação e ser ativo na construção de sua própria aprendizagem” (LANZ, 2019, pág. 226)

Alinhado com esse debate, surgia no fim do século XIX, mas ganhando maior força na primeira metade do século XX, o Movimento da Escola Nova, imbuída com as novas teorias pedagógicas, que buscava proporcionar uma instituição que respeitasse a criança e trabalhasse de maneira a corresponder às características do pensamento Infantil (CARVALHO, 2016). Depois das duas grandes Guerras Mundiais, houve um aumento da preocupação com os métodos de ensino, o papel do professor e as necessidades emocionais e sociais das crianças. Entendia-se que a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças poderiam ser abordados de maneiras diferentes dos métodos tradicionais em vigor na época.

Dentre os ideários e os defensores das pedagogias inovadoras encontram-se alguns nomes que se tornaram bastante relevantes quando se pensa em metodologia de ensino e também perpassando para decisões no campo da arquitetura, como será abordado a seguir. Entre esses, destaca-se o nome Rudolf Steiner, com sua metodologia **WALDORF**, desenvolvida a partir de 1919, na Alemanha, designação dada devido a seus primeiros alunos serem filhos dos funcionários de uma fábrica alemã Waldorf Astoria. Formado em engenharia e sendo doutor em filosofia, seus estudos se basearam na Antroposofia, referindo-se ao conhecimento humano. Essa metodologia busca uma perfeita integração entre o pensar o sentir e o querer, (KOWALTOWSKI, 2011) tratando-se de uma educação lúdica, que impulsiona o pensar criativo e a imaginação em que o ambiente, aliado a natureza, deve ativar esses estímulos, pois o processo de ensino vem a partir da experimentação, priorizando o movimento motor, as atividades artísticas e a liberdade do criar.

Para a visão de Steiner, a arquitetura proposta em seu estudo antropológico apresentava-se através de desenhos orgânicos, sem ângulos retos, prezando pela ligação com a natureza e usando materiais construtivos e revestimento naturais. Em suas instituições, se propunha, o uso das cores, específicas para cada atividade e faixa etária, bem como de formas, seja em elementos arquitetônicos ou na própria arquitetura e na sua organização espacial para envolver as crianças por completo: sentimentos, imaginação e intelecto (GUSMÃO, 2018). Ademais, trabalha-se com o controle da luz natural para permitir que a criança crie diferentes cenários a partir do imaginário. Suas salas de aula procuram reproduzir a atmosfera de lar, criando cantos em que elas podem se refugiar e também propõe interiores bem flexíveis.

Na metodologia **REGGIO EMILIA**, desenvolvida por Loris Malaguzzi, na Itália em 1945, também conhecida por pedagogia da escuta, tem como maior preceito a valorização da infância, na qual as crianças são vistas como detentoras de capacidades, e competências, construindo seu próprio aprendizado através de múltiplas linguagens, ou seja, “uma criança produtora e não apenas usuária” (GUSMÃO, 2018, pág.26). Considerando isso, o espaço torna-se educador, sendo um organismo que passa por constante transformação e crianças, educadores e familiares podem aprender um com os outros e esse conhecimento é adquirido pela experimentação. As rotinas nessas escolas são desenvolvidas em função dos interesses e questionamentos das crianças e a partir disso tornam-se projetos. (LANZ, 2019)

No que tange a produção arquitetônica, a preocupação de Malaguzzi se expressa numa mudança realizada na organização escolar, como abordado por Gusmão (2018), as salas de aulas são substituídas por ateliês, salas de música e cozinha, incluindo também as praças como pontos centrais importantes para estabelecer

encontros. Aspectos como tranquilidade e acolhimento, são trazidos em espaços menores que proporcionam local de refúgio, enquanto isso a atratividade, busca um convite a exploração mais livre porém segura, a iluminação natural, traz efeitos de luz e sombra e estimulam a curiosidade e criatividade, atrelado a isso os banheiros lúdicos e acessíveis geram experiências de ensino e diversão, os espaços flexíveis, se adequam aos diferentes projetos e por fim o diálogo entre interior e exterior, proporciona a integração visual e também, muitas vezes físicas. Assim são valorizadas as experiências, emergindo a verdadeira expressão do pensamento infantil. (MIGLIANI, 2020)

A linha proposta pela médica Maria **MONTESSORI**, em 1907 na Itália, é baseada, segundo Migliani (2019), em uma educação que contribui positivamente no desenvolvimento do cérebro infantil, pois respeita a individualidade, incentivando nelas a autonomia, autoestima e autoconfiança e assim aprende estando livre para explorar, escolher e realizar suas atividades, a partir de sua criatividade. Sua pedagogia é pautada na autoaprendizagem, que é inerente ao ser humano, sendo preciso estimular e liberar o potencial da criança, para que ela tenha a capacidade de autodesenvolver-se (MONTESSORI, 1987, apud GUSMÃO, 2018) e possa conduzir as suas experiências de modo responsável. Portanto é preciso que no ambiente predomine a democracia e seja a prática do aprender um prazer para os alunos.

Os reflexos dessa metodologia são melhor expressos em seu ambiente interno, que precisam atender a algumas características, tais como: buscar escolhas minimalistas e simples, optando por cores claras e iluminação natural, para que a criança não seja distraída com muita informação, também é necessário acessibilidade e segurança, sendo projetado nas dimensões da criança para que ela tenha como se movimentar com destreza podendo explorar sem risco. Preza-se por

mobiliários que se adaptam a crianças, a seus desejos e curiosidades, colocando à tona móveis de cozinha, estantes e sala de aula. Torna-se importante que os espaços sejam bastante ricos em materiais pois, de acordo com Montessori, o desenvolvimento infantil ocorre mediante a manipulação de objetos, necessitando, portanto, de bastante espaço livre para utilizarem dos materiais. E apesar da visão mais voltada ao interior, também é frisado a necessidade de uma forte ligação da criança com a vida externa e a natureza. (MAGLIANI, 2019)

Outros nomes como Vygotsky e Frobel contribuíram para a propagação das ideias das escolas novistas, centrando o desenvolvimento e educação da criança através dos jogos, brincadeiras e do espaço lúdico, proporcionando assim a criação de ambientes que estimulam o desenvolvimento físico, social e afetivo da criança e suscita a premissa de que esses locais devem ser preparados para a experimentação, o aprendizado e a vivência, de maneira que a arquitetura contribuía numa formação mais autônoma do indivíduo (BARROS, 2019). Destaca-se que “em todos esses modelos, cabe ao educador a responsabilidade de observar os interesses e as necessidades de cada criança e de preparar espaços e rotinas adequadas, sendo o professor um mediador desse aprendizado” (ZIRFAS, 2018 apud LANZ, 2019).

Diante do exposto, ressalta-se que, apesar da proposta do presente trabalho não ser uma escola, as pedagogias inovadoras constituem uma importante referência para compreender os diferentes meios que o desenvolvimento infantil pode ser tratado. Foi a partir delas que houve o incentivo a liberdade, autonomia e responsabilidade das crianças, tudo isso num espaço que proporciona-se a autoaprendizagem através da curiosidade natural e da experimentação. (GUSMÃO, 2018) A seguir, utiliza-se da ferramenta do quadro resumo, como

maneira de sintetizar os conceitos abordado por cada idealizador, citado anteriormente, e como eles são refletidos no espaço construído. Assim torna-se possível traçar os principais aspectos, que serviram como base para o desenvolvimento das diretrizes de projeto.

Quadro 01: Quadro resumo das Pedagogias inovadoras

	Principais Conceitos	Reflexo na arq.
WALDORF – Rudolf Steiner Alemanha (1919)	<ul style="list-style-type: none"> • Perfeita integração entre o pensar, o sentir e o querer. • Educação lúdica através da experimentação 	<ul style="list-style-type: none"> • Desenhos orgânicos • Ligação com a natureza • Materiais construtivos e revestimentos naturais • Uso de cores por idade • Controle da luz natural • Cantos de refúgio • Interiores flexíveis
REGGIO EMILIA – Loris Malaguzzi Itália (1945)	<ul style="list-style-type: none"> • Criança como detentora de capacidades e competências • Conhecimento adquirido pela experimentação 	<ul style="list-style-type: none"> • Salas são ateliês • Praças – pontos centrais • Local de refúgio • Iluminação natural • Banheiros lúdicos • Espaços flexíveis • Diálogo interior e exterior
MONTESSORI – Maria Montessori Itália (1907)	<ul style="list-style-type: none"> • Respeita a individualidade e incentiva a autonomia (Autoaprendizagem) • Realização das atividades a partir da criatividade 	<ul style="list-style-type: none"> • Escolhas minimalistas • Cores claras • Iluminação natural • Acessibilidade- dimensões das crianças • Rico em materiais • Espaços livres • Ligação com a natureza
VYGOTSKY E FROBEL – Rússia (1917) Alemanha (1826)	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento infantil através de jogos, brincadeiras e do espaço lúdico. 	<ul style="list-style-type: none"> • Ambiente que estimula o desenvolvimento físico, social e afetivo. • Locais que incentivam a experimentação.

Fonte: Autora, 2022.



2.3



Fig. 08, 09 e 10 Ambientes Waldorf
Fonte: ArchDialy Brasil



Fig. 11, 12 e 13: Ambientes Reggio Emilia
Fonte: ArchDialy Brasil



Fig. 14, 15 e 16: Ambientes Montessori
Fonte: ArchDialy Brasil

2.4 RECREAÇÃO

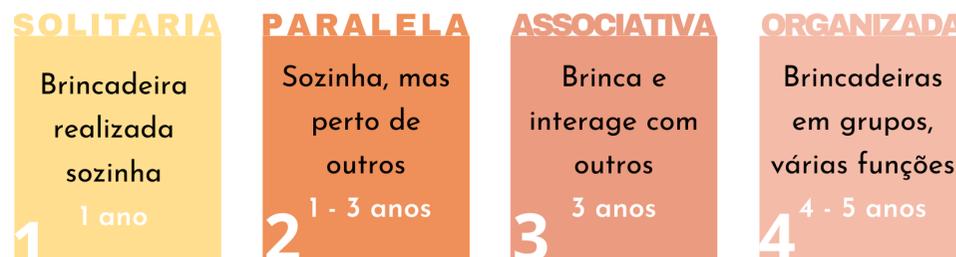
Para início da discussão deste tópico, faz-se necessário a conceituação do termo recreação, na qual abrange os outros temas que são abordados posteriormente. Segundo Silva et al. (2011) essa palavra tem sua origem no latim *recreatio*, representando recreio e divertimento e de acordo com o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, essa palavra tem sua etimologia do termo *recreare*, estando ligado ao recriar, criar de novo e dar novo vigor. Ela pode ter definições variadas, algumas atreladas, de forma abrangente, ao lazer e outras seguindo um conceito mais específico. Neste trabalho, optou-se por definir de maneira mais específica, sendo então: uma manifestação cultural que é caracterizada por divertir e entreter o indivíduo que participa dela, constituindo um espaço privilegiado para a construção coletiva e o desenvolvimento de novos conhecimentos. Além disso, tem uma essência lúdica, buscando ser “prazerosa e produzir, no indivíduo ou na sociedade, um movimento de mudança positiva, de renovação, um revigorar da mente ou do corpo, ou ainda de ambos.” (LEÃO JUNIOR, 2020)

Dando prosseguimento às definições, é fundamental esclarecer o significado de três palavras chaves na recreação, que são: **a brincadeira, o brinquedo e os jogos**. Portanto, tomou-se como base a concepção de alguns autores: para Kishimoto (2010, apud Alves; Morais e Valadares, 2017) a brincadeira é uma ação livre, sendo guiada pela criança, dando prazer, relaxamento, ensinando regras e introduzindo a criança ao mundo imaginário, na qual ela pode recriar a realidade e assimilar experiências. Já o brinquedo, segundo Kishimoto (2011, apud Carvalho, 2016) estimula a representação e expressão da realidade, tendo como objetivo ser substituto dos objetos reais para que a criança possa usa-los. Ele, apenas adquire o sentido lúdico

quando tem sua função atrelada a ser suporte para a brincadeira. Referente ao jogo, Huizinga (2014, apud Carvalho, 2016) conceitua como uma atividade voluntária que ocorre, em sua maioria, dentro de limites de tempo e espaço e seguindo regras livremente consentidas. Além disso, pode apresentar, de acordo com Kishimoto (2002, apud Alves, Morais e Valadares, 2017), função lúdica, em que proporciona diversão e função educativa, quando ensina e agrega saber a criança.

Vale ressaltar que tanto as brincadeiras como os jogos podem ser categorizados de acordo com alguns autores. Na perspectiva de Ferland (2006, apud Sousa, 2015) as brincadeiras podem ser livres, em que as crianças decidem o que fazer e qual material utilizar, favorecendo a imaginação e criatividade ou podem ser estruturadas, envolvendo regras e o cumprimento das mesmas, instigando o senso de responsabilidade.

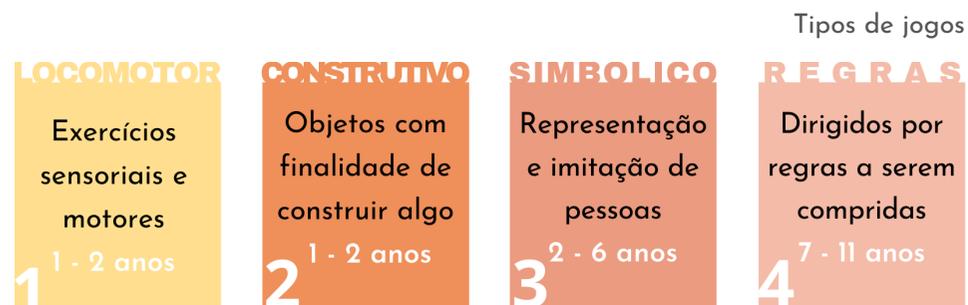
Tipos de brincadeiras



O autor ainda defende que há 4 categorias de brincadeiras, sendo elas: solitária e independente, ocorrendo no primeiro ano de vida e a criança prefere brincar sozinha e com suas coisas. A segunda é a brincadeira paralela, surge entre 1 aos 3 anos, em que a criança se mantém brincando sozinha, mas se abre para fazer isso perto de outras, compartilhando os brinquedos. A terceira é a associativa, ocorre nos 3 anos, nesta a criança se sente mais à vontade para interagir e partilhar, gerando conflitos e a resolução dos mesmos. Por

2.4

fim, a brincadeira cooperativa ou organizada, característico dos 4 aos 5 anos, já conseguem brincar em grupo, cooperando entre eles para alcançarem um mesmo fim, cada um desempenhando uma função. (SOUSA, 2015).



Em relação aos jogos, Smilansky (1968) e Piaget (1967) citado por Sousa (2015) acreditam que há uma complexidade crescente, ou seja, para eles não há tipos e sim níveis. O primeiro deles é o jogo funcional ou locomotor, se inicia por volta do primeiro ao segundo ano de vida, onde a criança executa movimentos repetitivos e deve ser estimulado exercícios sensoriais e motores. O segundo nível é o do jogo construtivo ou de objetos, nesta fase são utilizados objetos e diferentes materiais com a finalidade de construir algo. O terceiro nível, comum dos 2 aos 6 anos, é o jogo do faz de conta ou simbólico, envolve a representação e imitação de pessoas ou situações imaginárias, reproduzindo a realidade. Por fim, o último nível é o jogo com regras formais, que ocorrer mais dos 7 aos 11 anos, é dirigido e com regras estabelecidas que têm devendo ser cumpridas pelas crianças, podendo acarretar em penalidades.

A partir da construção teórica realizada até aqui, entra em pauta o uso de formas lúdicas e a própria recreação como sendo uma possível resposta ao desenvolvimento das crianças, principalmente as

do recorte do público alvo, que estão em vulnerabilidade social, em que esse mecanismo se torna de suma importância. Diversos autores, entre eles Friedmann (2012, apud Carvalho, 2016) afirmam que o jeito de se expressar ludicamente e os repertórios lúdicos de cada criança são os meios de comunicação que elas têm para apreender o mundo à sua volta e relaciona-se com os outros. Além de que, é através dessas atividades que as crianças desenvolvem sua identidade e autonomia, sendo fundamental para a fase da infância.

Corroborando com esse entendimento, os estudos de Vygotsky e Piaget, comprovam que a brincadeira influência na formação da criança, através dela são desenvolvidos conceitos morais, sociais, geração de valores, além de levar a criança a superar limites, solucionar problemas e se socializar. Ademais, o ato de brincar proporciona benefícios que estarão presentes durante toda a vida, sendo o mais alto nível de desenvolvimento infantil, de acordo com Leontiev (2014, apud Carvalho, 2016) e é por meio da brincadeira que se acentua:

“à constituição do pensamento infantil, pois é brincando, jogando, que a criança revela seu estado cognitivo, visual, auditivo, tátil, motor, seu modo de aprender e entrar em uma relação cognitiva com o mundo de eventos, pessoas, coisas e símbolos.” (VYGOTSKY, 2007, apud CARVALHO, 2016)

Ainda para Vygotsky (2007, apud, Carvalho, 2016), o brincar cria a zona de desenvolvimento proximal, em que a criança alcança a solução de problemas de forma independente e é impulsionada para além do estágio de desenvolvimento que ela já atingiu. É na brincadeira que a criança antecipa comportamentos de idades futuras, na qual adquire através da imitação, da imaginação e da criatividade. Autores, como Moyles (2002, apud Sousa, 2015) ainda associa a brincadeira a outras camadas de desenvolvimento na

vida das crianças, são eles: físico, intelectual, social e emocional. No primeiro ponto se enquadra as competências referentes a motricidade e a psicomotricidade, no segundo, é voltado para o desempenho cognitivo, abarcando o domínio linguístico, científico e criativo, já no que compete aos últimos dois aspectos, o social e emocional, relaciona-se com um maior crescimento em áreas como a simpatia, sensibilidade e o partilhar. Quando a criança brinca ela passa a ter uma consciência de si mesma e dos outros, nela é gerada uma maior autonomia e desenvolve assim uma auto estima e autoconfiança, acreditando em suas próprias capacidades e na força que tem em ultrapassar os obstáculos.

Numa perspectiva histórica, os jogos e o brincar foram atribuídos como forma de prática pedagógica, a partir da segunda metade do século XIX, quando as instituições de educação infantil no Brasil começaram a se organizar pelas creches, jardim de infância e na pré escola. Essas, segundo Kishimoto (1993 apud Carvalho, 2016) tinham o propósito de desenvolverem as ideias das pedagogias inovadoras, que davam valor ao brincar. Essa metodologia recebeu bastante críticas pois, os adeptos da educação tradicional e rígida viam as brincadeiras como distrações inúteis.

Desse período surgiram os 'plays groups' e os parques infantis, espaços feitos e incentivados por alguns educadores brasileiros, como Mário de Andrade e aqueles que defendiam a brincadeira como recurso para o desenvolvimento infantil. Entretanto, a efervescência dessas ideias ficou restrita mais aos jardins de infância, onde encontravam-se as crianças da classe média e alta, nesses ambientes eram abordadas propostas de desenvolvimento físico e afetivo. Enquanto as crianças das esferas mais carentes permaneciam com a educação voltada apenas para fins compensatórios ou assistencialistas, que

mantinham o foco em forma-las para alcançarem trabalhos e não para desenvolve-las como cidadãos, para a uma vida harmoniosa em sociedade. (CARVALHO, 2016)

Portanto, considerando tal cenário, as crianças que se encontram em vulnerabilidade social, tem sua desenvolvimento afetado negativamente por não ter acesso a espaços que implementem as propostas das pedagogias inovadoras ou até mesmo vejam na brincadeira um meio para uma evolução adequado de cada fase da vida da criança. Carvalho (2016) ainda aponta que, as rotinas escolares são tão preenchidas que se torna reduzido ou quase inexistente o tempo destinado para o brincar. Assim permanece latente a necessidade dessas crianças, de terem acesso e serem atendidas/assistidas por um equipamento que lhes proporcione a livre recreação, tendo em vista a importância do brincar no desenvolvimento infantil. Partindo desse pressuposto, percebe-se a importância de se propor um espaço que seja exclusivamente pensado para o desenvolvimento da criança nas mais diversas esferas, por meio da recreação, adentrando assim na proposta de projeto deste trabalho.



**REFERENCIAS
PROJETUAIS**



03

Como etapa imprescindível para a elaboração da proposta do Recre(i)ar, foi realizada a análise de três referências projetuais, que guardam com o presente trabalho aproximações dos ideais almejados. Buscou-se, a partir do estudo desses correlatos, compreender quais as soluções adotadas e de que forma essas poderiam contribuir para o projeto tanto de maneira conceitual, quanto física.

Esta etapa foi estruturada levando em consideração alguns aspectos. Inicialmente realizou-se uma apresentação mais geral que constam as seguintes informações:

FICHA TÉCNICA - Em um quadro foi disposto, em resumo, as principais informações acerca do projeto, tais como: nome do projeto e seu uso, quais os arquitetos, qual sua localização, a área total construída e qual o ano da sua construção.

IDENTIDADE - É abordado de maneira breve uma contextualização da obra, tanto de perspectivas culturais quanto históricas e de localização, aponta-se também, sucintamente, como os conceitos foram interpretados na proposta.

Em seguida analisou-se as referências de forma mais detalhada. pois a partir de uma leitura inicial do correlato foram categorizados 5 temas principais, possuindo elementos que se destacaram e contribuíram para as decisões projetuais que foram tomadas, tornando-se o foco da análise. São eles:

PROGRAMA - Foi observado questão referentes a quais os ambientes foram selecionados para compor o programa, como eles foram dispostos e quais as suas relações e como também os espaços conversam com o conceito abordado.

VOLUME / INSERÇÃO - Neste aborda-se a relação dos volumes criados, como é sua inserção no terreno e quais as relações que surgem a partir dessa implantação.

ELEMENTOS ARQUITETÔNICOS E CONSTRUTIVAS - Esta categoria apresenta os elementos que se destacam na projeto, sendo eles voltados a recreação, alguns com fins funcionais e outros mais estéticos.

MATERIALIDADE - Tópico destinado a apresentar quais foram as decisões tomadas pelos projetistas referente aos materiais que foram utilizados e a forma que eles se relacionam.

CONFORTO AMBIENTAL - São apontados questões pertinentes as estratégias que foram utilizadas para gerar o maior conforto para o uso dos espaços.

Por fim, após a análise mais detalhada de todos as referências projetuais foi elaborado um quadro resumo destacando, dentro dos 5 temas elencados anteriormente, as contribuições que cada um deles apresenta para a proposta do Centro de recreação.

Vale destacar que, os correlatos foram escolhidos a partir de três diferentes contextos, um no âmbito Mundial - o Centro comunitário para crianças The Playscape, em Pequim, um na América latina - a Escola primária de ensino fundamental e médio Jerusalen Miñaro, no Peru e um Nacional - a Escola bilíngue de ensino infantil e fundamental Maple Bear, em São Paulo. A análise feita em cada um deles é apresentada a seguir.

3.1 THE PLAYScape - CHINA

Figura 17: Vista aérea do Centro comunitário The Playscape
Fonte: ARCHDAILY BRASIL, 2021.

Quadro 02

FICHA TÉCNICA - Centro Comunitário para crianças

Arquitetos	WAA - Di Zhang, Jack Young
Localização	Pequim, China
Área	2657 m ²
Ano	2021



Fonte: Autora, 2022.

Este projeto localiza-se num complexo preexistente no norte de Pequim, que funcionava como uma industria de grãos nos anos 70. O projeto refere-se a reabilitação desses armazéns, inserindo novos elementos para conformar a seu uso atual. Possui em seu entorno um acesso privado a uma creche vizinha e entrada para um parque público.

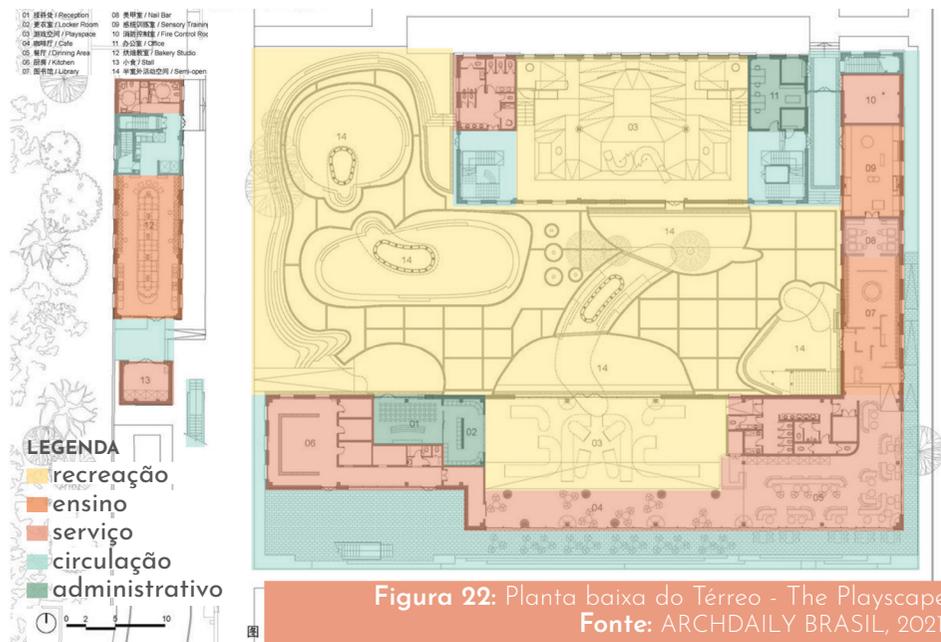
O escritório WAA, teve como cliente uma empresa do setor da saúde, que presta serviços monitorando e auxiliando o desenvolvimento motor das crianças. A intenção deles era instiga-las para o “de volta ao bairro” onde pudessem experimentar as brincadeiras de rua de forma

segura e dinâmica, diminuindo seu tempo em frente aos aparelhos eletrônicos, sendo esta a realidade de boa parte das crianças atualmente.

O conceito dos clientes foi expresso através do uso dos elementos arquitetônicos, criando estímulos para a brincadeira, pois são nesses momentos que as crianças deixam de ser passivas no cenário e passam a ser atuantes. Assim as escalas foram distorcidas, elaborou-se diferentes percursos e incentivou-se o desenvolvimento sensorial. Dessa maneira essa interpretação se torna explícita no nome do projeto Playscape, referindo-se a uma “paisagem de brincar”.



Figura 18, 19, 20 e 21: Processo de construção do Centro comunitário The Playscape
Fonte: ARCHDAILY BRASIL, 2021.



PROGRAMA - Os ambientes que compõem o programa se dão entorno das áreas de recreação, que são internas e externas, sendo pontos centrais, tendo ao seu redor as demais áreas. Ela foi setorizada de maneira a criar um eixo de continuação, organizando-os por idade e possibilitando diversos percursos. Além disso, há espaços de apoio para a administração, ensino, com salas multiuso, serviços internos e externos, como um café, que tem sua posição de forma mais atrativa.

VOLUME / INSERÇÃO - O volume final se divide entre os prismas dos antigos armazéns formando um "U" que contorna o pátio central da recreação, onde estão as formas orgânicas que se permeiam por todo essas áreas criando uma estética única e voltada ao lúdico, sendo cheia de possibilidades de descoberta, que instiga a imaginação. Essa inserção permitiu uma maior privacidade e segurança às crianças.

ELEMENTOS ARQUITETÔNICOS E CONSTRUTIVAS - Foram agregados dois principais elementos para trazer o lúdico: os tubos, em diversas escalas e dimensões, ora são escorregadores, ora são passarelas e até mesmo formam nichos e cantos, já os morros, foram inserido para formar uma topografia acentuada na qual a criança tem a liberdade de escolher até que altura ela quer explorar.

MATERIALIDADE - Os materiais utilizados priorizaram o uso em seu estado mais cru, destacando-se os edifícios dos armazéns com tijolinho, os morros em tom cimentícios e os tubos brancos. A principal cor é o amarelo que dá destaque em algumas áreas da proposta.

CONFORTO AMBIENTAL - As áreas de recreação se abrem para o sentido da ventilação predominante. Mas em contrapartida não possui nenhuma cobertura, tendo pouco sombreamento, que vem de algumas árvores. Essa decisão não se adequa a nosso clima.

3.2 JERUSALÉN MIÑARO - PERU

Figura 27: Espaço flexível da Escola Jerusalén Miñaro.
Fonte: ARCHDAILY BRASIL, 2018.

Quadro 03

FICHA TÉCNICA - Escola primária de Ens. Fund e Médio

Arquitetos	Fundação Semillas
Localização	San Martín de Pangoa, Peru
Área	1000 m ² (novo prédio); 296 m ² (reforma)
Ano	2017

Fonte: Autora, 2022.

O projeto está localizado no distrito de Pangoa, na selva central do Peru, sua comunidade, de aproximadamente 150 famílias é formada por habitantes indígenas, nativos da comunidade Jerusalén de Miñaro. A área é designada como uma zona VRAEM, significando que sua comunidade foi severamente afetada e precisou ser deslocada pelo conflito armado da década de 1990.

A comunidade ficou esquecida por vários anos e a escola já possuía 40 anos de funcionamento e mais de 200 alunos, porém as condições eram extremamente precárias, tendo apenas salas de aulas

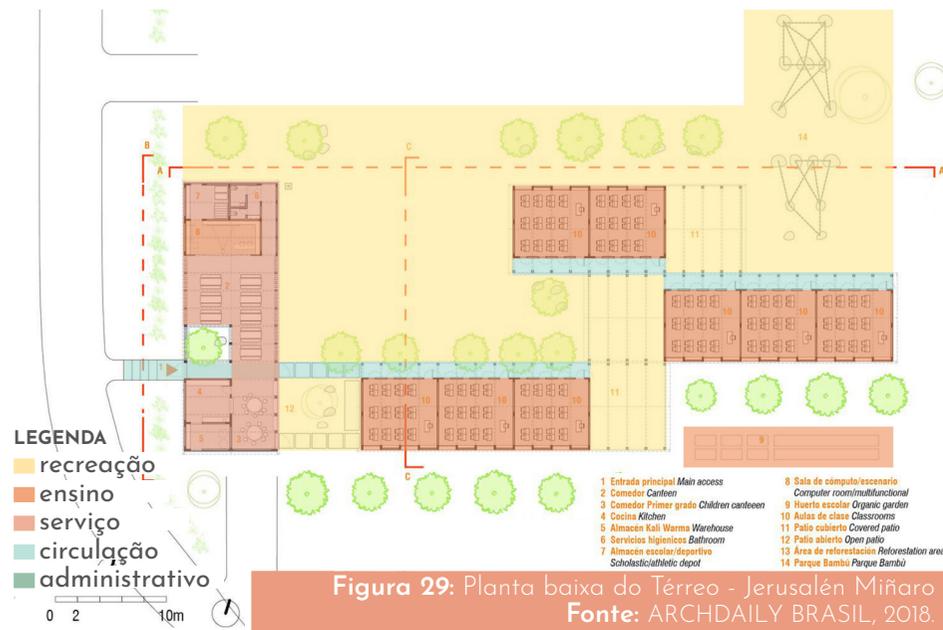


temporárias que não atendiam as necessidades. Porém, recebeu um reforma em suas instalações, financiada pela Fundação Semillas.

O conceito almejado foi a criação de um “espaço democrático” para seu público, em que eles pudessem ser livres para ter expectativas no futuro. Assim o projeto foi realizado de forma integrada com várias instituições e tendo a participação da comunidade em cada etapa. O objetivo foi promover a troca de conhecimento, o uso de materiais locais e dos recursos humanos, além de buscar propor espaços que seguem as novas metodologias pedagógicas.



Figura 28: Comunidade Jerusalén Miñaro na inauguração da Escola.
Fonte: ARCHDAILY BRASIL, 2018.



PROGRAMA - Estruturado em 4 módulos, sendo 3 salas de aula e 1 espaço multiuso, sendo flexibilizado para diversos usos. As áreas de serviço interno, destinadas as crianças, encontram-se dispostas de maneira a gerar, para o lado da rua, uma maior privacidade e, do outro lado, integrar o refeitório com o pátio de recreação. Esse está permeada entre os blocos de ensino, formando uma permeabilidade entre eles. As antigas salas existentes foram transformadas em residências para os professores e os banheiros foram reformados.

VOLUME / INSERÇÃO - A volumetria desses módulos é simples, com formato retangulares e coberturas em duas águas. Isso se dá pela facilidade da construção, na qual teve a participação da comunidade e também a eficiência desses módulos quanto ao conforto e a flexibilidade. Sua inserção possibilita a criação de pátios internos.

ELEMENTOS ARQUITETÔNICOS E CONSTRUTIVAS - A permeabilidade entre as salas e os espaços externos são favorecidos pelos elementos arquitetônicos, tais como os brises, as cobogós de tijolinho e as esquadrias que se dobram horizontalmente deixando uma maior integração entre os espaços.

MATERIALIDADE - A escolha do material se dá principalmente pelo desejo de utilizar o conhecimento local e criar um projeto bioclimático. Portanto, foram utilizados de maneira natural e aparente em diversos elementos o concreto, a madeira e os tijolinhos.

CONFORTO AMBIENTAL - O projeto adota várias estratégias para um melhor conforto, tais como: árvores sombreando as circulações que por sua vez sombreiam as salas, vedações vazadas para incentivar a ventilação cruzada e sua coberta possui um sistema que proporciona o efeito chaminé e também coleta de água da chuva.



3.3 MAPLE BEAR - BRASIL

Figura 34: Pátio de recreação do Fundamental - Maple Bear
Fonte: ARCHDAILY BRASIL, 2022.

Quadro 04

FICHA TÉCNICA - Escola bilíngue de Ens. infantil e fundamental

Arquitetos	Fagner Mendes Gava Arquitetos
Localização	Marília, São Paulo, Brasil
Área	5020 m ²
Ano	2018

Fonte: Autora, 2022.

A escola bilíngue de Ensino infantil e fundamental Maple Bear, por ser uma escola de uma rede canadense privada de ensino, possui diferenças principalmente relacionado a faixa social do público deste presente trabalho, isso é perceptível até mesmo em sua localização, pois encontra-se mais afastado das áreas centrais e mais populares do bairro e está inserida entre vários complexos de condomínios da cidade de Marília, no interior de São Paulo. Apesar dessa realidade divergente da proposta, é possível apreender dentro dos aspectos de análise algumas decisões e estratégias adotadas.



Esse foi realizado através de um concurso particular, que teve como fator decisivo a implantação que melhor tirasse proveito da topografia de aproximadamente 4 metros de desnível. Essa condição possibilitou uma proposta de construção em níveis escalonados, dando a vitória ao escritório Fagner Mendes Gava Arquitetos.

A proposta foi abordada de maneira que o espaço com decisões simples, mas bem planejadas, pudessem conformar ambientes lúdicos, atrativos, funcionais e flexíveis, proporcionando maior liberdade para as crianças no espaço e assim desenvolvendo-as.



Figura 35: Fachada principal da Escola Maple Bear.
Fonte: ARCHDAILY BRASIL, 2022.

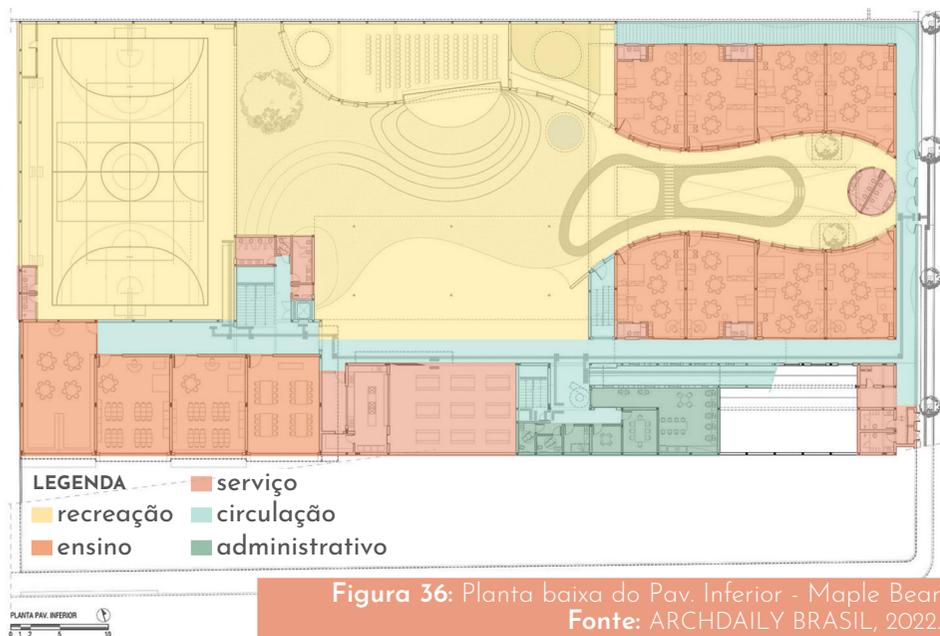


Figura 36: Planta baixa do Pav. Inferior - Maple Bear
Fonte: ARCHDAILY BRASIL, 2022.



Figura 37, 38, 39 e 40: Exterior e interior - Maple Bear
Fonte: ARCHDAILY BRASIL, 2022.

PROGRAMA - Os ambientes que constam no programa são os necessários para o bom desempenho da escola, porém o mais interessante é ver as disposições e relações entre eles. As áreas administrativas foram posicionadas próximo a entrada permitindo o fácil acesso dos responsáveis e resguardando a áreas das crianças. Essa por sua vez se encontra centralizada em um eixo destinado a recreação, em ambos os pisos, dividindo-os por idade. As circulações entre os níveis foram trabalhadas de forma acessível e lúdica.

VOLUME / INSERÇÃO - Ao nível dos transeuntes a escola se revela com um longo prisma retangular que devido as transparências do vidro torna-se quase um grande pórtico e sendo arrematado por uma fina linha do telhado. A surpresa se revela ao adentrar o pavimento inferior, as crianças são abraçadas pelas linhas sinuosas das salas de aula, continuando na organicidade do teatro e das arquibancadas. A maneira de sua inserção gera pátios internos de recreação.

ELEMENTOS ARQUITETÔNICOS E CONSTRUTIVAS - O elemento mais marcante da expressão formal são as aberturas circulares e também sinuosas de concreto colorido nas paredes e no piso, dando um linguagem divertida ao edifício.

MATERIALIDADE - São utilizados materiais convencionais em seus elementos principais, deixando o detalhes por conta das formas simples e coloridas em amarelo, azul, vermelho e verde que se destacam do plano de fundo em branco, sendo assim mais atrativo.

CONFORTO AMBIENTAL - As estratégias utilizadas são simples e adequam bem ao nosso clima. As áreas de recreação, parte pode ser coberta e a outra recebe sombreamento devido a posição dos outros blocos. Além disso o posição dos níveis favore a ventilação cruzada.

3.4 QUADRO RESUMO DA ANÁLISE

Este quadro reúne os principais aspectos comentados anteriormente e permite perceber o grau de maior contribuição de cada correlato.

	THE PLAYSCAPE	JERUSALEN DE MIÑARO	ESCOLA MAPLE BEAR					
<p>Figura 41: Centro Playscape Fonte: ArchDaily Brasil</p> 	<p>PROGRAMA</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. RECREAÇÃO INTERNA E EXTERNA 2. DIVERSIDADE DE CIRCULAÇÕES E PERCURSOS 3. EIXO RECREAÇÃO 4. DIVISÃO POR IDADE 5. ATIVIDADES DE DESENVOLVIMENTO PARA CADA FASE 6. USO DA COBERTA COMO TERRAÇO. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. GRADIENTE DE PRIVACIDADE 2. CRIAÇÃO DE ESPAÇOS MULTIUSOS - ADAPTÁVEIS 	<ol style="list-style-type: none"> 1. RECREAÇÃO INTERNA E EXTERNA 2. DIVERSIDADE DE CIRCULAÇÕES E PERCURSOS 3. EIXO DE RECREAÇÃO 4. DIVISÃO POR IDADE 5. EMBARQUE E DESEMBARQUE 6. ÁREAS ADM. PRÓXIMO À ENTRADA 					
<p>Figura 42: Jerusalén Miñaro. Fonte: ArchDaily Brasil</p> 	<p>ELEMENTOS ARQ. CONSTRUTIVO</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. MORROS 2. TUBOS 	<ol style="list-style-type: none"> 1. BRISES VERTICAIS E HORIZONTAIS 2. COBOGOS 	<p>VOLUME - INSERÇÃO</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. VOLUME MAIS PRISMÁTICO PARA AS ATIVIDADES INTERNAS E MAIS SINUOSAS PARA AS EXTERNAS 2. PRIVACIDADE NA RECREAÇÃO EXTERNA INSERIDO ENTRE OS 3. EDIFÍCIO EM "U" - PÁTIO INTERNO 	<p>MATERIALIDADE</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. UTILIZAÇÃO DE MATERIAIS EM SEU ESTADO MAIS NATURAL 2. DIFERENÇA DE MATERIAL ENTRE AS FORMAS 				
<p>Figura 43: Maple Bear Fonte: ArchDaily Brasil</p> 	<p>MATERIALIDADE</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. UTILIZAÇÃO DE MATERIAIS EM SEU ESTADO MAIS NATURAL 2. DIFERENÇA DE MATERIAL ENTRE AS FORMAS 	<ol style="list-style-type: none"> 1. VOLUME SIMPLES, MAS FUNCIONAL 2. INSERÇÃO GERANDO PÁTIOS INTERNOS 	<ol style="list-style-type: none"> 1. VOLUME MAIS PRISMÁTICO PARA AS ATIVIDADES INTERNAS E MAIS SINUOSAS PARA AS EXTERNAS 2. INSERÇÃO GERANDO PÁTIOS INTERNOS 3. PRIVACIDADE DA RECREAÇÃO INT. 	<p>CONFORTO AMBIENTAL</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. ÁREA DE RECREAÇÃO ABERTA NO SENTIDO DO VENTO PRED. 2. ABERTURAS VERTICAIS E ZENITAIS PARA ILUMINAÇÃO INTERIOR 	<ol style="list-style-type: none"> 1. UTILIZAÇÃO DE MATERIAIS EM SEU ESTADO NATURAL 2. DIFERENTES TEXTURAS. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. MATERIAIS CONVENCIONAIS 2. DETALHE DAS FORMAS EM CORES PRIMÁRIAS E SECUNDÁRIAS 	<ol style="list-style-type: none"> 1. ÁREA DE RECREAÇÃO ABERTA NO SENTIDO DO VENTO PRED. 2. ABERTURAS PROPORCIONANDO A VENTILAÇÃO CRUZADA 3. TELHADO PROPORCIONANDO O EFEITO CHAMINÉ DA VENTILAÇÃO 4. CIRCULAÇÕES SOMBREADAS 5. PRESERVAÇÃO DA NATUREZA 	<ol style="list-style-type: none"> 1. ABERTURAS ENTRE PISOS DIRECIONAR VENTILAÇÃO 2. ÁREAS DE RECREAÇÃO SOMBREADAS - OESTE

PROJETO



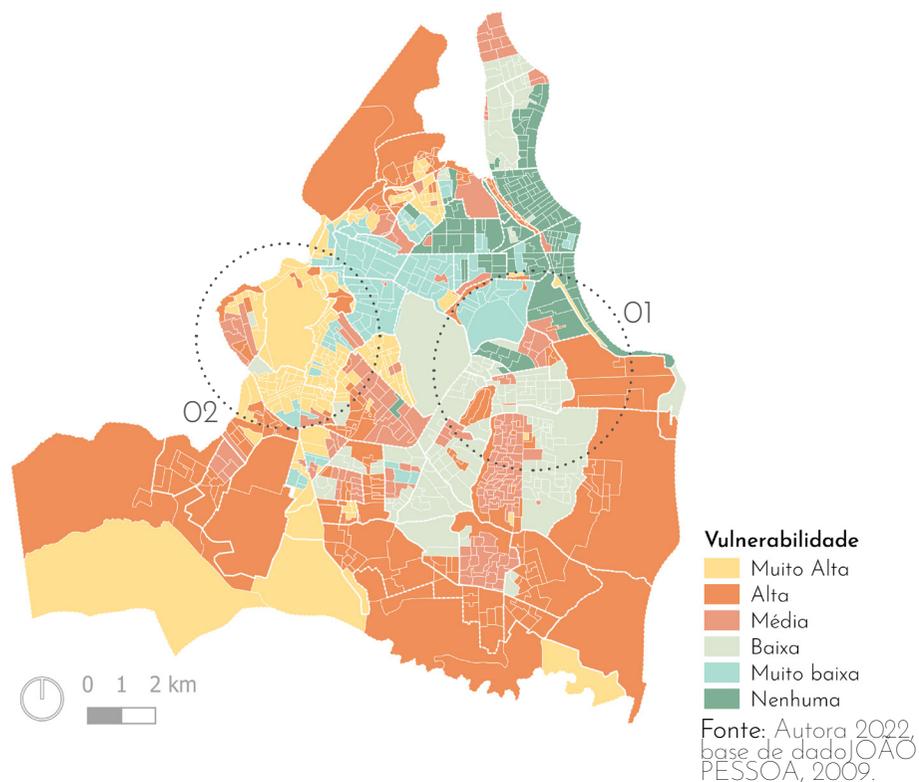
04

4.1 O LUGAR

Vulnerabilidade Social

O processo de escolha da área para receber o equipamento proposto, seguiu a análise de 4 características principais. O primeiro aspecto refere-se a distribuição espacial da vulnerabilidade social em João Pessoa. Através da leitura do mapa, é perceptível a configuração de um núcleo mais a sul - sudeste (O1) e o núcleo a oeste (O2), concentrando a maior quantidade de setores com alta e muito alta vulnerabilidade.

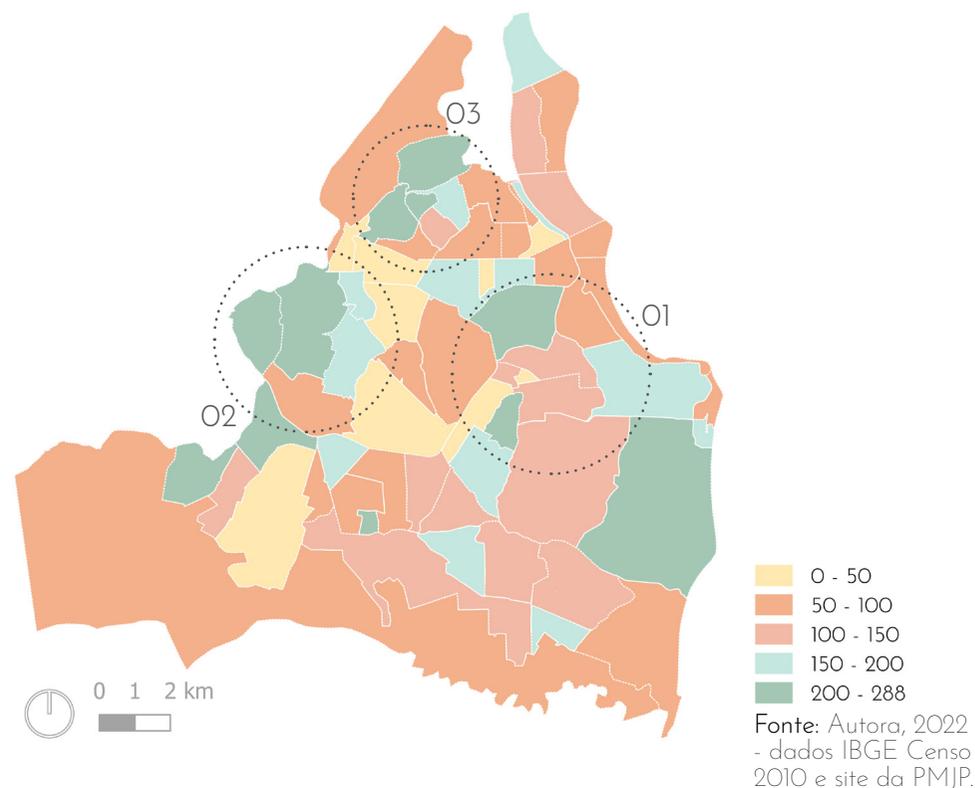
Fig. 44: Níveis de vulnerabilidade social em João Pessoa por setor censitário.



Quantidade de crianças

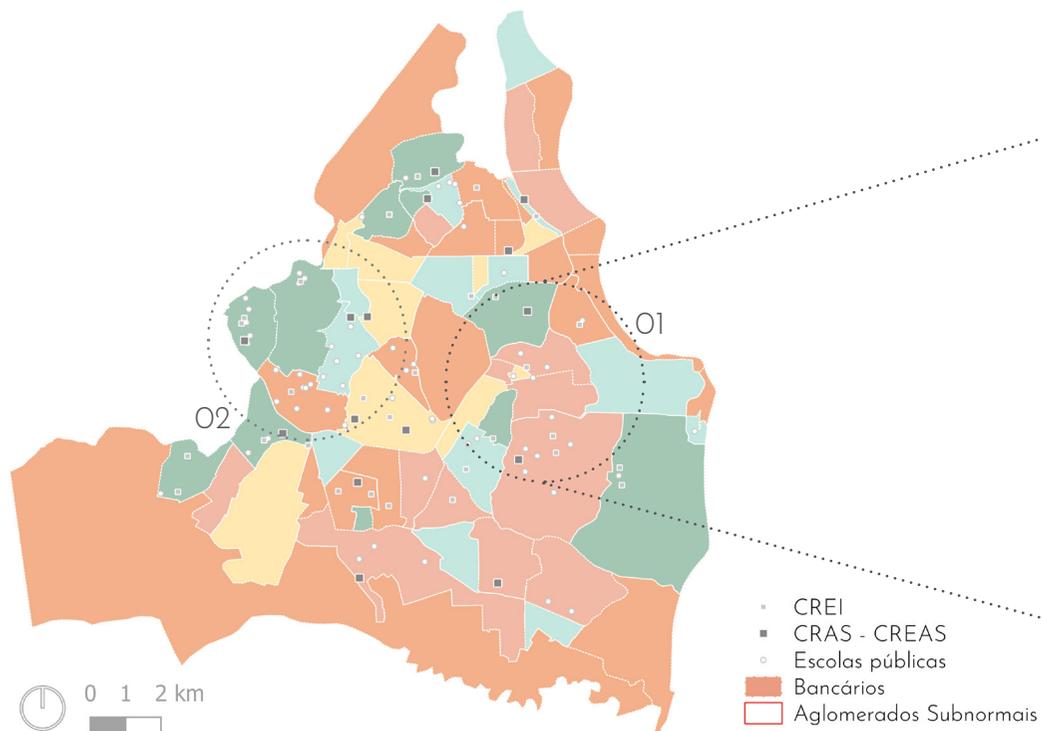
A segunda característica relaciona-se com o público alvo do trabalho: as crianças. Aplicou-se um recorte referente a faixa etária em que há o desenvolvimento infantil, entre 1 a 12 anos. Esse dado demonstra três agrupamentos em que são encontrados os maiores números de crianças, sendo ao sudeste (O1), ao oeste (O2) e alguns pontuais na ao norte (O3) da cidade.

Fig. 45: Mapa da quantidade de crianças de 1 a 12 anos por bairro em JP.



Equipamentos existentes

Outro dado, que colaborou na escolha, é a existência dos equipamentos de educação pública e de assistência. Pode-se notar duas situações, mais ao leste e sul (O1), apresentando-se de maneira mais pontual, enquanto a oeste (O2) há uma maior aglomeração, representando que mais oportunidades de atendimento das crianças. Assim o núcleo (O1) permite que a proposta se insira como proporcionador desses serviços e atividades usando da didática do brincar e do lúdico.



Comunidades

Por fim, após a escolha da área, o bairro no qual optou-se para a inserção da proposta foi os bancários, sendo ele um dos principais da Zona Sul da cidade. Essa decisão é pautada nos seguintes argumentos: uma boa conexão viária com outros bairros da cidade, através da rede de ônibus, ponto convergente para as comunidades do entorno (fig. 39) e localização estratégica para o compartilhamento das ideias desse novo equipamento, tornando ele um projeto piloto.

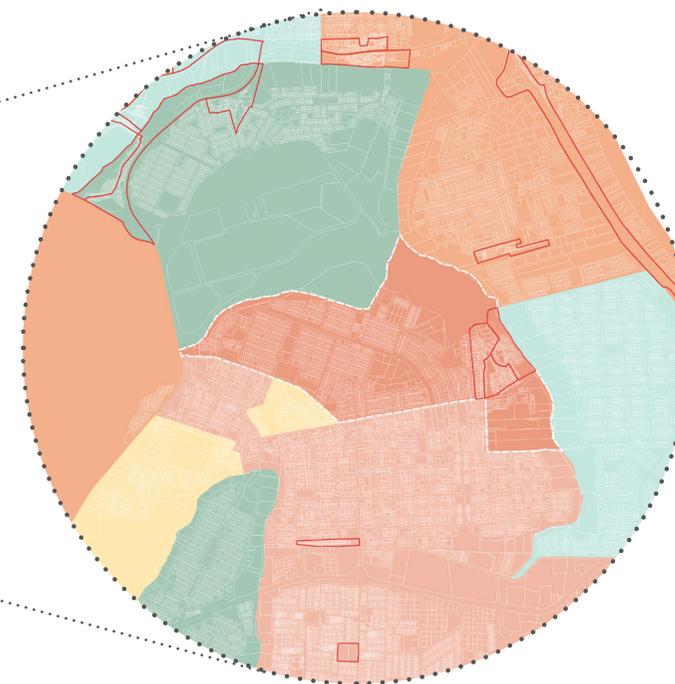


Fig. 46 e 47 Mapa dos equipamentos educacionais e de assistência em JP e zoom no bairro, pontuadas as comunidades do entorno.
Fonte: Autora, 2022 - dados IBGE Censo 2010 e site da PMJP.

Figura 48: Localização do terreno escolhido
Fonte: Google Earth, 2022.

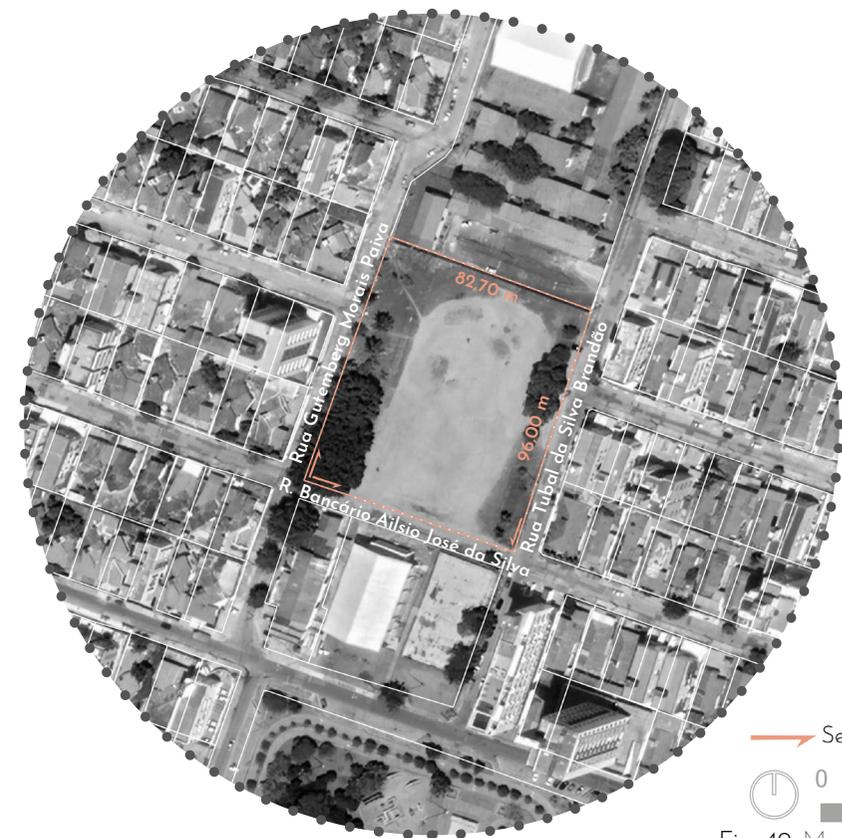


- Bairros
- Lotes
- Terreno escolhido
- Vias principais
- Paradas de ônibus
- 01 - Escola Municipal
- 02 - Ginásio esportivo
- 03 - Praça da Paz
- 04 - Shopping Sul
- 05 - UPA



Entorno

O terreno escolhida tem uma localização central no bairro dos bancários, estando entre as duas vias principais de acesso: a principal dos bancários e as três ruas (Fig. 40). Essas contam com vias de ônibus, tendo suas paradas nas proximidades do terreno, facilitando o acesso do público. Possui três frentes, voltadas para vias mais tranquilas, pois já se encontra na malha mais local, o sentido delas encontra-se indicado no recorte abaixo (Fig. 41). Além disso, seu entorno conta com vários equipamentos.



→ Sentido das vias
 0 25 50 m

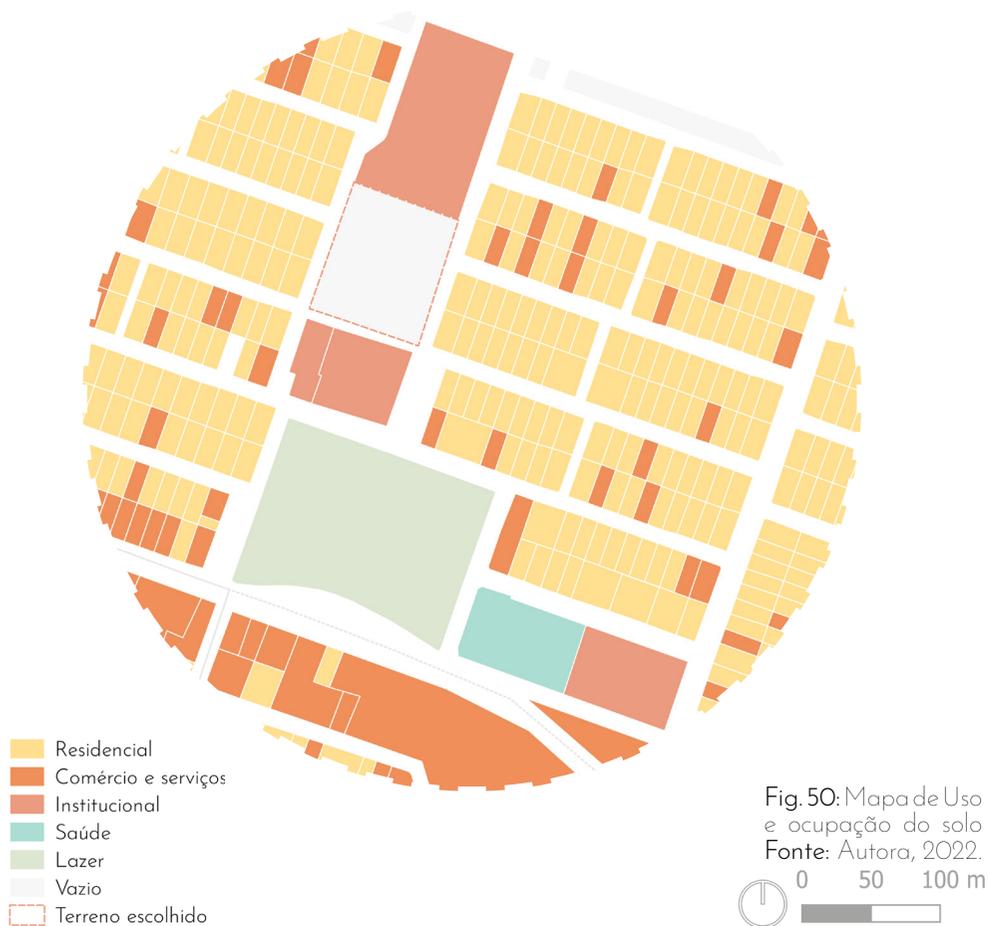
Fig. 49: Mapa de contexto e dimensão do terreno
 Fonte: Autora, 2022.

Uso e ocupação do solo

Para uma análise mais detalhada sobre as características do entorno é apresentado o mapa de Uso e ocupação do solo (Fig. 42). Nele pode-se notar que prevalece o uso residencial, sendo pontuado com alguns comércios e serviços. Ademais há a presença de equipamentos de saúde, lazer e educação. Esses últimos dois carregam com a proposta proximidades em relação ao seu público, podendo assim atendê-los.

Gabarito

Referente ao gabarito do entorno, observa-se a predominância de térreos, que combinando com as informações do mapa anterior, tem-se a leitura de um entorno com maioria de residências unifamiliares. Há também, de maneira pontuada, edifícios de até 4 pavimentos e alguns poucos com mais de 5 pavimentos. Essa característica favorece uma melhor circulação da ventilação.



Terreno

A área total do terreno é de 8542 m², mas para este Anteprojeto, foi proposto utilizar apenas uma porção dele. A área remanescente de 2346m², destina-se para receber equipamentos que se agregue as escolas próximas e também ao Centro de recreação, criando um polo educativo nesta área. Dessa maneira busca-se incentivar o conceito de **território educativo**, em que o espaço passa a promover um papel de educador, tornando-se um agente pedagógico na vida da comunidade. Referente a topografia, o terreno já se encontra regularizado, tendo a condição de ser plano.

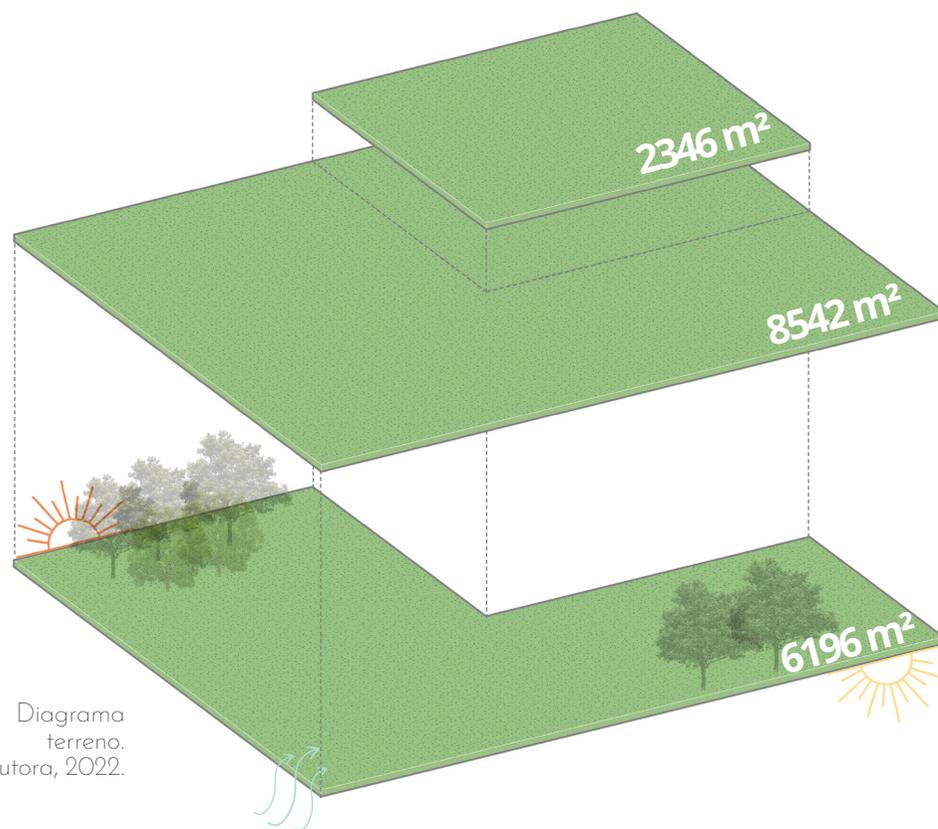


Fig. 52: Diagrama do terreno.
Fonte: Autora, 2022.

Legislação

Concernente a legislação, incidente sobre o projeto, o terreno está numa Zona Adensável não prioritária, indicando a possibilidade de um índice de aproveitamento de até 1,5. A Zona é residencial 3, sendo o uso Institucional local, condicionando assim seus recuos mínimos, sua taxa de ocupação e o número máximo pavimentos, sendo eles indicados no quadro abaixo.

Quadro 06: Condicionante legais do projeto.

CONDICIONANTES LEGAIS DO PROJETO			
Macrozoneamento	Zona Adensável Não Prioritária	T.O.	50%
Zoneamento	Zona Residencial 3	I.A.	1,5
Uso	Institucional Local	Taxa de Permeabilidade	12%
Recuos	Frontal: 5,00 m Lateral: 1,50 m Fundos: 3,00 m	Número de pavimentos	2 pav.
Área	8542,82 m ² (completo) 6196,35 m ² (escolhido)	Número de frentes	3

Fonte: Autora, 2022.

Condicionantes climáticas

Sobre os condicionantes climáticos, que são expressos no diagrama ao lado (Fig. 52) podemos observar que o percurso solar segue as quinas do terreno. O oeste apesar de sua alta insolação ficará mais protegido devido a massa arbórea já existente no terreno e que será mantida. Já a leste também há árvores mais em menor quantidade, permitindo ainda um sombreamento. Acerca da ventilação, é predominantemente sudeste, onde será proposto estratégias para permitir a melhor circulação na proposta e gerar assim maior conforto.

4.2 O PROCESSO

Dimensionamento da população

Para definição do programa antes foi realizado um dimensionamento da capacidade proposta para o equipamento. Iniciou-se a partir do conceito abordado no referencial teórico, sobre as fases de desenvolvimento infantil, de Erik Erikson. O processo se deu com o foco nas três últimas etapas, compreendendo suas necessidades e elencando ambientes que eram desejados para o programa e que atenderiam as demandas de cada faixa etária. Vale ressaltar que as áreas de recreação está em um estágio, mas também aparecem nos outros pois foi organizado para ser destinado a todas as crianças.

A definição da faixa etária atendida são as crianças que estão entre a educação infantil (1 a 6 anos) e o ensino fundamental 1 (6 a 10 anos), sendo pensados ambientes na qual elas podem estar em horários agrupadas com os de idade semelhantes ou em outros momentos, estarem todos juntos sem que hajam conflitos. Para a delimitação da quantidade de crianças usou-se como base o material das diretrizes operacionais das escolas da rede estadual de educação da Paraíba (2021), que indica a organização das turmas. A partir dele foi possível distribuir a capacidade máxima em cada ambiente e assim chegar no resultado do quadro ao lado, dando um total de 215 crianças atendidas por turno.

Quadro 07: Dimensionamento da população.

	AMBIENTES	IDADE	QUANTIDADE
ESTÁGIO 2 : INFANCIA INICIAL	Sala de desenvolvimento motor e sensorial Recreação	(1 a 3 anos)	25 crianças
ESTÁGIO 3: IDADE DE BRINCAR	Recreação interna e externa	(3 a 4 anos)	30 crianças
		(4 a 5 anos)	30 crianças
		(5 a 6 anos)	30 crianças
ESTÁGIO 4: IDADE DE ESCOLAR	Sala de Nutrição Sala de Artes Sala de música Sala multiuso Recreação interna e externa	(6 a 7 anos)	25 crianças
		(7 a 8 anos)	25 crianças
		(8 a 9 anos)	25 crianças
		(9 a 10 anos)	25 crianças
		TOTAL	

Fonte: Autora, 2022.

Dimensionamento da população

Na construção do quadro de funcionários, embasou-se em algumas referência, tendo em vista que não há parâmetros que regulem Centro de recreação. Dessa maneira tomou-se bases que tivessem proximidade com o uso do equipamento, sendo escolhidos portanto aqueles que regulam e orientam a educação, sendo eles: a Portaria 321 do Ministério da Saúde (1998), que dita sobre as normas para o funcionamento de creches, seus ambientes e os funcionários necessários; o Manual de orientações técnicas para Edificações escolares, do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE, 2017) e o livro Arquitetura Escolar o projeto do ambiente de Ensino de KOWALTOWSKI (2011).

Ao fim desse processo de dimensionamento da população chegou-se ao total de 49 funcionários por turno. Os horários de funcionamento do equipamentos serão em dois turnos de 6 horas cada. Ao total soma-se uma capacidade de 264 pessoas.

Quadro 08: Dimensionamento dos funcionários.

QUADRO DE FUNCIONÁRIOS			
Gestor	01	Nutricionista	02
Vice gestor	01	Psicólogo	02
Coordenador	03	Enfermeira	02
Cuidador do infantil	02	Recepcionista	02
Auxiliar do infantil	02	Atendente do café	02
Monitores	12	Cozinheiro	02
Professor de artes	01	Auxiliar de cozinha	03
Professor de música	01	Auxiliar de serviços	07
Bibliotecário	02	Segurança	02
TOTAL	49 funcionários por turno		

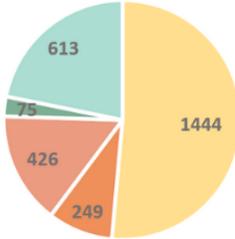
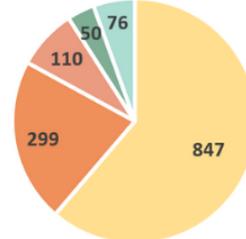
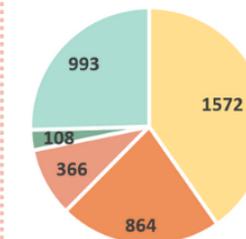
Fonte: Autora, 2022.

Programa de necessidade

Para dar sequência ao processo do Anteprojeto, é importante ter em vista que o Recre(i)ar é um Centro de recreação que busca moldes e visões diferentes do desenvolvimento infantil, levando a brincadeira como resposta. Tendo em vista isso, não há um equipamento que englobe todos os desejos almejados. Portanto para a construção do programa de necessidades, além dos documentos já citados anteriormente que também contribuíram para esse pontos, foi realizado uma análise do programa dos referências projetuais, para compreender quais os ambientes necessários para gerar a brincadeira e também os espaços necessários de apoio.

Além disso, gerou-se um gráfico das proporções dos setores, para entender a relação entre eles e o grau de importância. É possível perceber que a recreação compõe uma parte primordial para esses espaços. A seguir apresenta-se o quadro da análise e depois é disposto o resultado do programa de necessidades da proposta deste trabalho.

Quadro 09: Análise para construção do programa de necessidade

	THE PLAYSCAPE	JERUSALÉN MIÑARO	MAPLE BEAR																																				
PROGRAMA DE NECESSIDADES	Recepção Café/ restaurante Área de refeições Área de recreação Sala de treinamento sensorial Sala de controle de incêndio Salas multiuso Estúdio de padaria Cozinha Banheiros Biblioteca Escritório Terraço - coberta Escorregadores Montes Circulações	Hall de entrada Refeitório p/ crianças Cozinha Armazém Banheiros Depósito atlético Sala de computação Salas de aulas Pátio coberto Pátio aberto Parque de bambu Área de reflorestamento Campo de futebol Horta	Hall de entrada Embarque/ desembarque Vagas de estacionamento Administração Área dos funcionários Escritório Salas de aula Refeitório Cozinha Banheiros Anfiteatro Área de recreação coberta e descoberta Jatos de água Quadra esportiva Circulações																																				
PROPORÇÃO DE SETORES	 <table border="1"> <tr><th>Sector</th><th>Value</th></tr> <tr><td>Recreação</td><td>1444</td></tr> <tr><td>Ensino</td><td>426</td></tr> <tr><td>Serviço</td><td>249</td></tr> <tr><td>Administrativo</td><td>75</td></tr> <tr><td>Circulação</td><td>613</td></tr> </table>	Sector	Value	Recreação	1444	Ensino	426	Serviço	249	Administrativo	75	Circulação	613	 <table border="1"> <tr><th>Sector</th><th>Value</th></tr> <tr><td>Recreação</td><td>847</td></tr> <tr><td>Ensino</td><td>299</td></tr> <tr><td>Serviço</td><td>110</td></tr> <tr><td>Administrativo</td><td>50</td></tr> <tr><td>Circulação</td><td>76</td></tr> </table>	Sector	Value	Recreação	847	Ensino	299	Serviço	110	Administrativo	50	Circulação	76	 <table border="1"> <tr><th>Sector</th><th>Value</th></tr> <tr><td>Recreação</td><td>1572</td></tr> <tr><td>Ensino</td><td>864</td></tr> <tr><td>Serviço</td><td>366</td></tr> <tr><td>Administrativo</td><td>108</td></tr> <tr><td>Circulação</td><td>993</td></tr> </table>	Sector	Value	Recreação	1572	Ensino	864	Serviço	366	Administrativo	108	Circulação	993
Sector	Value																																						
Recreação	1444																																						
Ensino	426																																						
Serviço	249																																						
Administrativo	75																																						
Circulação	613																																						
Sector	Value																																						
Recreação	847																																						
Ensino	299																																						
Serviço	110																																						
Administrativo	50																																						
Circulação	76																																						
Sector	Value																																						
Recreação	1572																																						
Ensino	864																																						
Serviço	366																																						
Administrativo	108																																						
Circulação	993																																						

Fonte: Autora, 2022.

RECREAÇÃO	923 m ²
Recreação externa	700 m ²
Recreação interna	223 m ²
SETOR DE ENSINO	487 m ²
Sala de música	54 m ²
Sala de artes	54 m ²
Sala de nutrição	109 m ²
Sala de desenvolvimento Motor/Sensorial	65 m ²
Biblioteca	111 m ²
Sala multiuso	108 m ²
Sala de repouso	36 m ²
Horta	50 m ²

SETOR DE SERVIÇO INTERNO	418 m ²
WC Feminino	40 m ²
WC Masculino	40 m ²
Fraldário	21 m ²
Sala de amamentação	21 m ²
Sala do Psicólogo	11 m ²
Enfermaria	26 m ²
Cozinha	54 m ²
Despensa	20 m ²
Refeitório	125 m ²
Lavanderia	30 m ²
DML	5 m ²
Depósito de lixo	10 m ²
Almoxarifado	15 m ²

Programa de necessidade

SETOR SE SERVIÇOS EXTERNOS	130 m ²
Café	115 m ²
Banheiros	15 m ²
Vagas de estacionamento	25 vagas
Embarque Desembarque	-
SETOR ADMINISTRATIVO	193 m ³
Recepção	55 m ²
Administração	13 m ²
Sala de reunião	20 m ²
Vestiário Fem. Masc.	20 m ²
WC Funcionários	42 m ²
Estar Funcionários	43 m ²
CIRCULAÇÃO	250 m ²
Área total:	2079 m²

AUTONOMIA

- Possibilidade de se movimentar pelo espaço e criar conexões de forma autônoma e segura.
- Espaços adaptados para as dimensões das crianças para serem usados livremente



COLETIVO INDIVIDUAL

Espaços que atendem ambas as fases da infância:

- Quando se deseja estar só, mas aconchegante.
- É também espaços propícios para o uso coletivo



WAYFINDING

- Objetiva gerar orientações intuitivas, impulsionadas pela legibilidade do espaço e fazendo com que, ao ponto que seja fácil navegar pelos ambientes, ainda tenham surpresas



PLAYSCAPE

- Ambientes e mobiliários atrativos para as crianças incentivando a criatividade.
- Espaços que permitam imitar a realidade enquanto se desenvolvem.
- Uso de cores e formas diferentes.



EXPLORAÇÃO

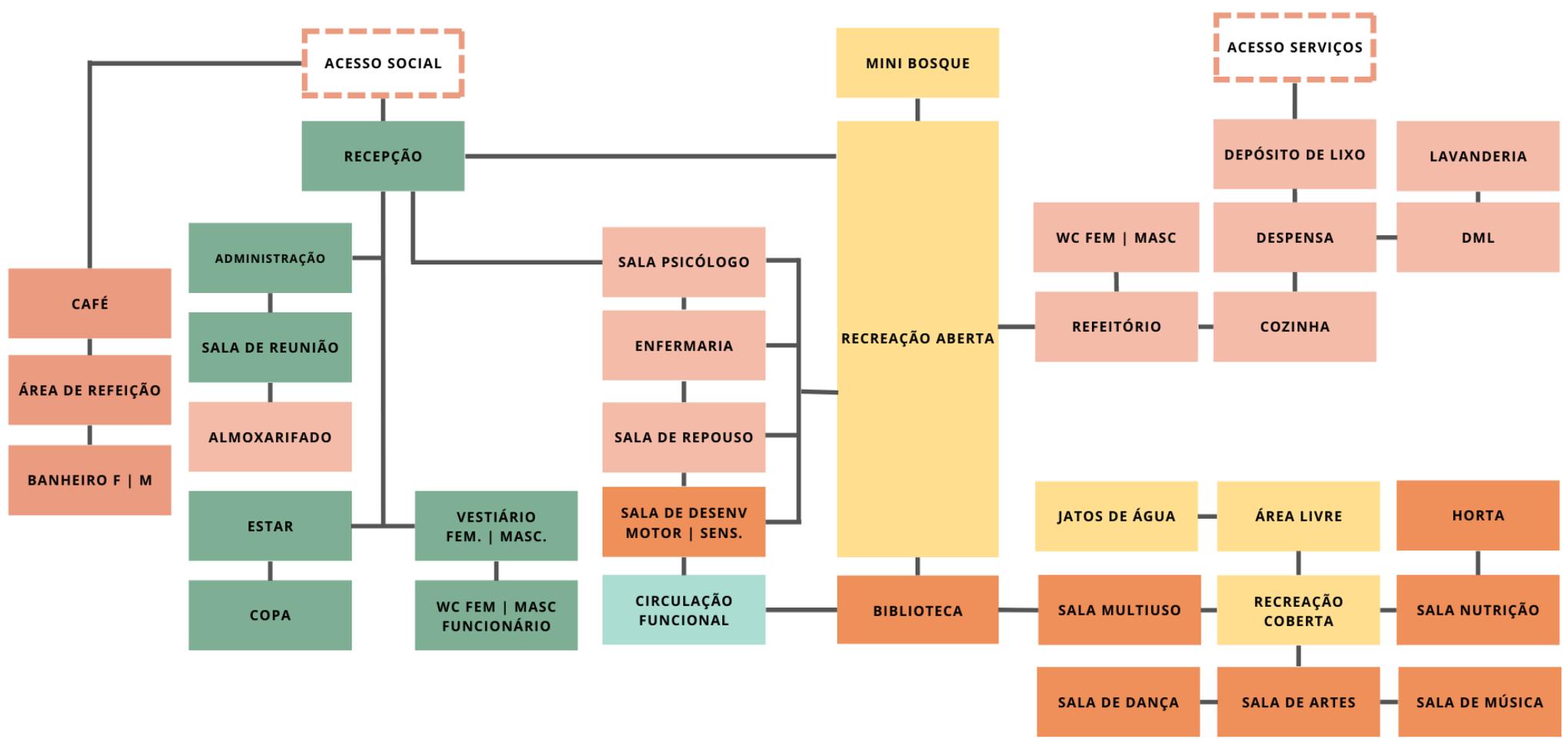
- A distribuição espacial é pensada para gerar diversas possibilidades de percursos e caminhos que instiguem as crianças a experimentar os ambientes.



BIOFILIA

- Incentivo ao contato com a natureza tanto físico, com um mini bosque e a horta, quanto visual, com a inserção de áreas verdes permeadas no projeto.





RECREAÇÃO	SERV. EXTERNO	ADMINISTRATIVO
ENSINO	SERV. INTERNO	CIRCULAÇÃO

Legenda

O organograma foi pensando de maneira a criar uma relação de ligações entre os setores e buscando centralizar a área de recreação.

Setorização e Partido arquitetônico

A partir da realização das etapas anteriores, com a definição do programa, das diretrizes e conceitos norteadores, das intenções de relações entre os ambientes, com o organograma, assim como a influência das referências teóricas e projetuais iniciou-se o estudo da setorização no terreno e se materializando, a partir desses estudos, o partido arquitetônico desejado.

A SETORIZAÇÃO, em ambas propostas partiu da intenção de alocar as áreas administrativas voltadas para o acesso social - fachada sudoeste, sendo esse um acesso mais tranquilo para a entrada das crianças. O serviço externo do café voltado para a esquina do terreno buscando ser mais atrativo ao público.

No primeiro estudo, as áreas de serviço estavam posicionadas na fachada leste, seguido pelas áreas de ensino e a recreação se mantinha apenas na área central. Essa relação se manteve, no segundo estudo, diferenciando o prologamento dado nas área de ensino, que se apresentava ao redor de uma área de recreação interna, passando a ter dois pontos para o desenvolvimento do brincar.

O PARTIDO, já passa a ser notado, através da abertura de um pátio central, aberto no sentido do mini bosque, que também será destinado a recreação. Ao entorno da área central de recreação são alocados, em formato de "L" os outros setores de apoio. Separando um bloco mais retangular para fechar mais o pátio em "U".

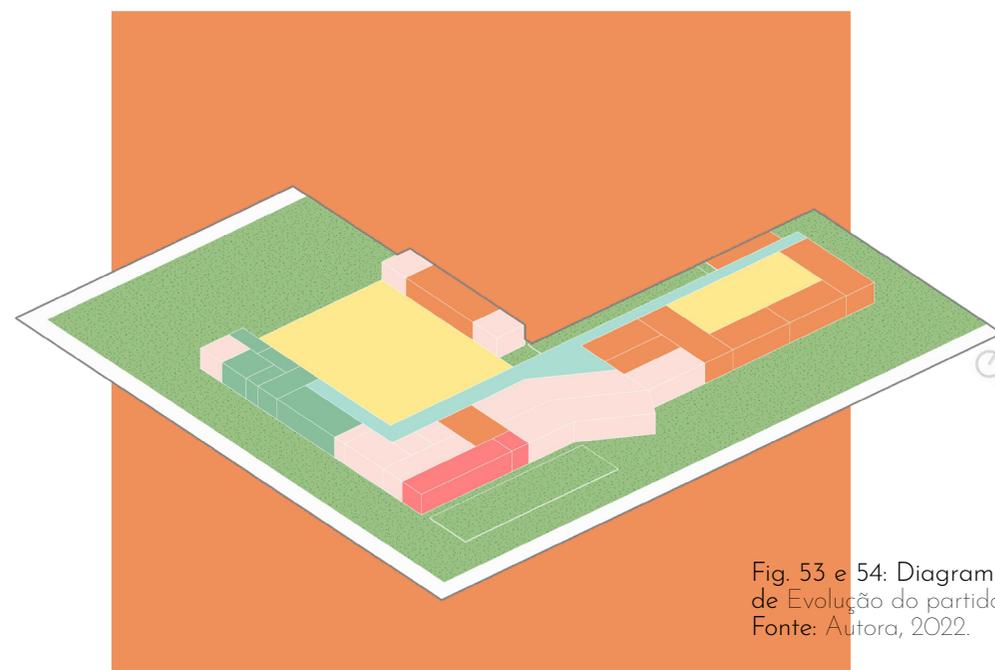
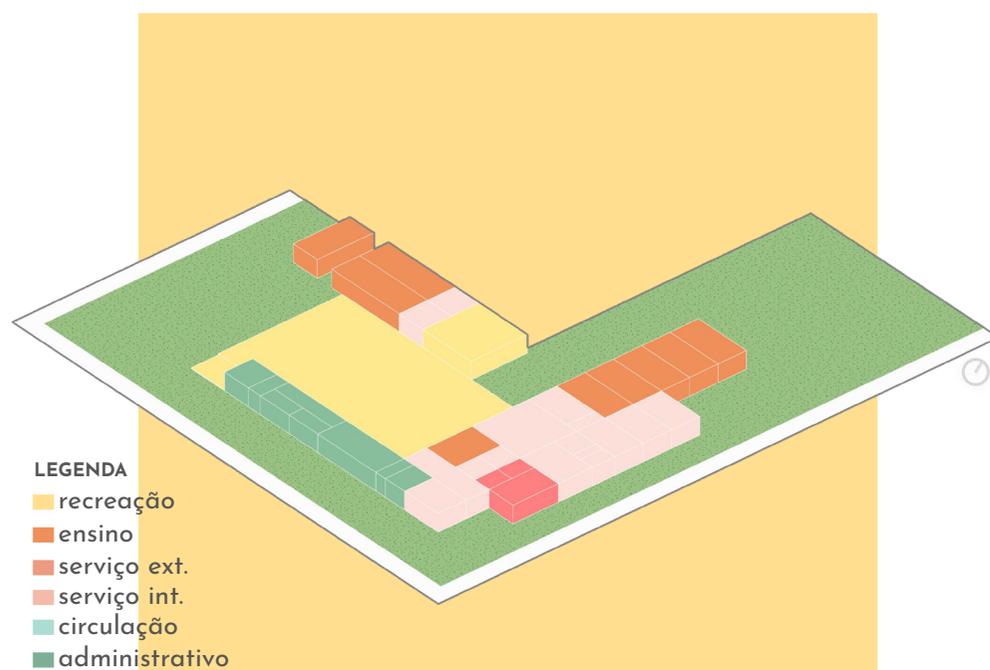


Fig. 53 e 54: Diagrama de Evolução do partido.
Fonte: Autora, 2022.

4.2 Partido arquitetônico

Definido o partido o terceiro estudo, manteve a localização do administrativo, mudando a logística das áreas do setor de serviço, que se reuniram no sentido norte-oeste, facilitando assim o acesso de serviço e possibilitando reunir as áreas de ensino entorno na área de recreação interna. Esses espaços pretendia-se manter uma relação com a natureza em ambos os lados, permitindo também o sombreamento.

Depois dessa evolução das áreas, a proposta final de setorização e partido reúne um pouco das anteriores, mas consegue criar uma maior relação entre as áreas de ensino, as áreas verdes e principalmente os espaços de recreação. Nessa proposta há a criação de um eixo que passa por todo o terreno e liga as áreas destinadas ao desenvolvimento do brincar. Assim as crianças podem ficar mais livres e sentir que o espaço é realmente delas.

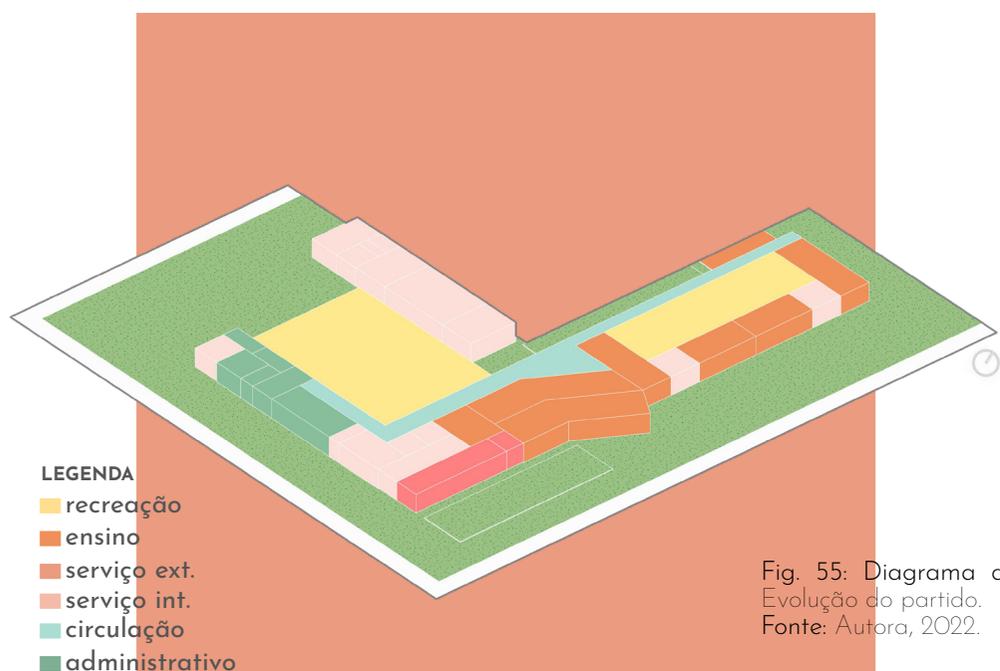


Fig. 55: Diagrama de Evolução do partido.
Fonte: Autora, 2022.

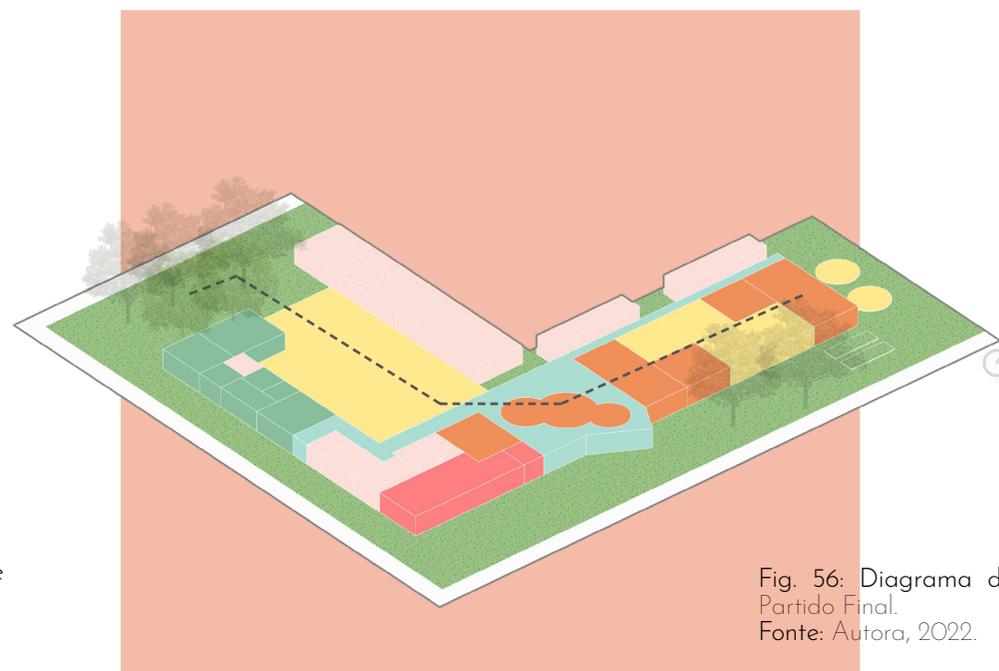


Fig. 56: Diagrama do Partido Final.
Fonte: Autora, 2022.

4.3 O RESULTADO

Implantação e acessos

A implantação da proposta se deu seguindo o partido de um conjunto de bloco em “L”. Esse tem sua maior fachada voltadas no sentido leste, que recebe sombreamento das árvores existentes e sua menor fachada no sentido sul, onde encontra-se a entrada principal.

Os acessos da edificação foram divididos entre social e de serviço, sendo setorizado de maneira a não criar conflito entre eles. A entrada de serviços fica localizada a oeste, tendo um récuo para carga e descarga, que dá acesso ao bloco (01) onde estão as áreas de serviços internos, tais como: o depósito de lixo, a lavanderia, o DML, cozinha e refeitório.

O outro acesso, situado ao sul e voltado para uma via mais tranquila, está a entrada social (02), sendo dividida em duas partes, uma para visitantes e responsáveis, que é a recepção e outra para a entrada direta dos usuários fixos do edifício. Essa área também conta com uma guarita, a parte de embarque e desembarque e as vagas de estacionamento, que são 25 vagas ao total, sendo 4 delas PNE.

A esquerda dessa área foi alocado os blocos administrativos e de funcionários (03), contando com sala de reunião, almoxarifado, estar dos funcionários e vestiário. A direita foi disposto um bloco (04) para as atividades que ainda pode necessitar de um uso externo, como sala de psicólogo, enfermaria, sala de repouso, de amamentação e fraldário. Dispondo esses espaços logo no início permite criar um gradiente de privacidade, tornando-se mais privado para as crianças.

Na esquina do terreno foi trabalhado um empençamento bem na frente do café (05), que foi posicionado para ser mais atrativo.



Fig. 57: Implantação e acessos.
Fonte: Autora, 2022.

segundo a outra ponta do “L” ficou destinado para as áreas de ensino e recreação. Na posição (06) está a sala de desenvolvimento motor e sensorial, após está a biblioteca (07), buscando ser um espaço bem aberto e convidativo. Por fim no bloco final (08), está as salas de atividades mais específicas, estando entre a recreação interna e sendo também interligado com o pátio central de recreação, possibilitando uma permeabilidade e integração entre toda a as áreas do eixo.

4.3 Pavimento térreo

- 01 - Recepção
- 02 - WC PNE
- 03 - Administração
- 04 - Sala de reunião
- 05 - Almojarifado
- 06 - Estar funcionários
- 07 - Vestuários Fem. | Masc.
- 08 - WC funcionários
- 09 - Guarita
- 10 - Sala do Psicólogo
- 11 - Enfermaria
- 12 - Sala de repouso
- 13 - Sala de amamentação
- 14 - Fraldário
- 15 - Sala de Desenvolv. Motor | Sensorial
- 16 - Biblioteca
- 17 - Sala multiuso
- 18 - Sala de artes
- 19 - Sala de música
- 20 - Sala de Nutrição
- 21 - Horta
- 22 - Jatos d'água
- 23 - WC kids
- 24 - Recreação Interna
- 25 - Recreação externa
- 26 - Deck nas árvores
- 27 - Refeitório
- 28 - Cozinha
- 29 - Depósito seco
- 30 - Depósito frio
- 31 - Área de limpeza
- 32 - Depósito de lixo
- 33 - Depósito de gás
- 34 - Lavanderia
- 35 - Carga e Descarga
- 36 - Embarque e Desembarque
- 37 - Empacotamento
- 38 - Café

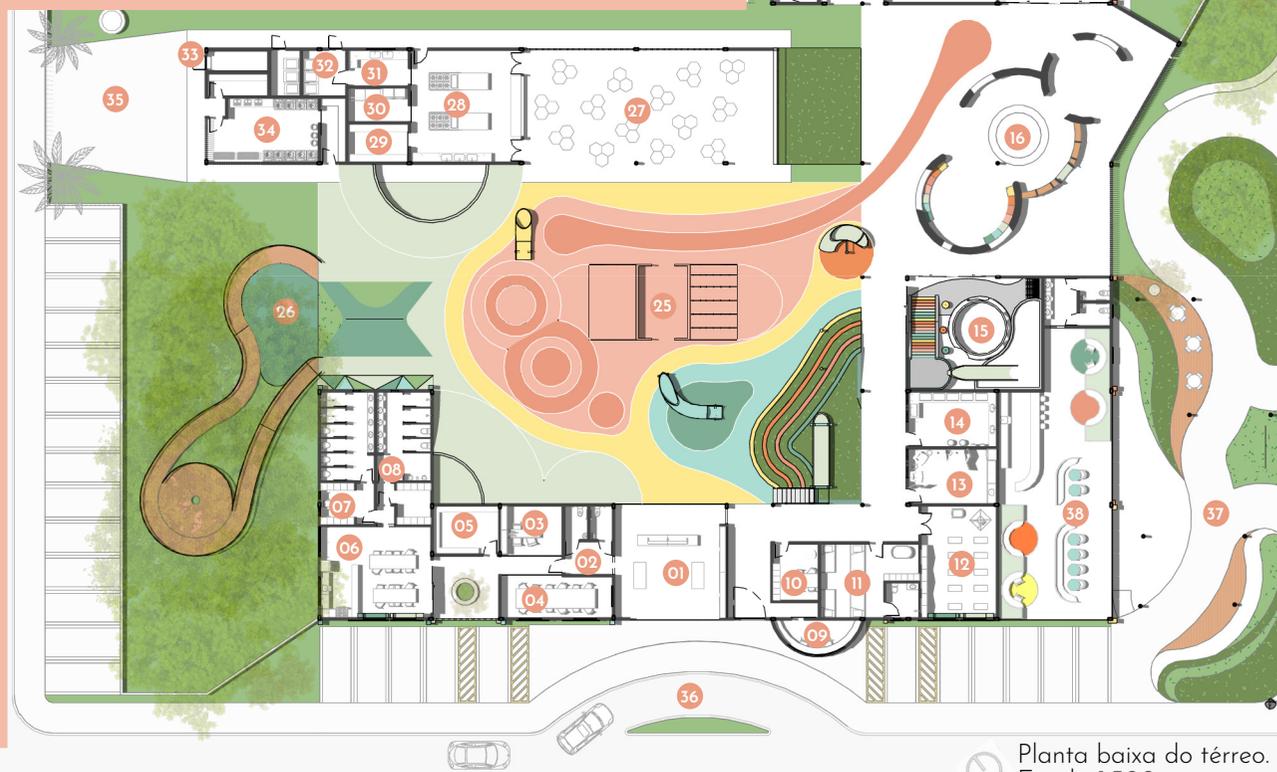


Fig. 58: Planta baixa do térreo.
Fonte: Autora, 2022.



Fig. 59: Fachada sul, entrada social
Fonte: Autora, 2022.



Fig. 59: Fachada sul, entrada social
Fonte: Autora, 2022.

4.3 COBERTA

A solução de cobertura utilizada no projeto, levou como base a criação de formas de casinha coloridas, com telhado de duas águas, diferenciando a inclinação delas para permitir um jogo mais interessante nas fachadas. O desejo é trazer um identidade para o equipamento e também remeter realmente ao lar, almejando que a criança cria um sentimento de pertencimento e acolhimento e consiga usufruir bem do espaço.

Optou-se pela utilização das telhas metálicas, que além de serem mais leves e versáteis, permitem uma variação na inclinação, tendo a mínima de 5%. Ademais, também há disponível no mercado uma variedade de cores que se adequam bem a proposta do telhado colorido. A estrutura do telhado se opoia sobre a laje onde também encontra o sistema de calhas de 50 cm recebendo a demanda dos dois telhados, como indicado no corte da figura 62 e 63.

Referente a posição e ao dimensionamento da caixa d'água, foi distribuído entre os blocos, buscando aloca-los em espaços que convergiam as áreas molhadas, sendo eles: wc dos funcionários e a bateria de wc das crianças. Ademais para as áreas de serviço, devido a cobertura desse bloco ter um uso na recreação foi preciso solucionar a caixa d'água de outra maneira. Assim, utilizou tanque aéreo vertical colorido, ao lado do bloco de serviços.

Concernente ao cálculo do dimensionamento, utilizou-se como base a NBR 13.714/2000, em que indica 50 L por pessoa, para o uso desse projeto, que estou tomando como base uma escola. Sendo a população estimada de 264 pessoas, o consumo fica de 13.200 L. Para a reserva necessária de 2 dias, totaliza-se 26.400 L. Essa demanda esta distribuída em 4 caixas de 3.000 L mais o tanque de de 15.000 L. Ao final temos uma capacidade total de 27.000 L de água.



Fig. 60: Perspectiva da esquina no terreno, mostrando o jogo dos telhados.
Fonte: Autora, 2022.

Coberta

Torna-se importante ressaltar que como solução de cobertura são agregados nas áreas de recreação os pergolados, para gerar uma iluminação mais filtrada e também é utilizado sobre a cobertura do bloco de serviço, um telhado verde que vem desde o piso do térreo até a cobertura, fazendo parte do circuito de recreação. Ainda sobre esses percursos, a área de recreação interna é composta com outra estratégia de cobertura,

sendo a laje impermeabilizada em forma mais orgânica. Essa medida cumpri dois propósitos: adequar a cobertura ao escorregador e também remeter ao lúdico no externo também.

Vale ressaltar que, o telhado alocado sobre o espaço da biblioteca utilizou-se como estratégia um jogo com algumas parte de telha translúcida, gerando uma brincadeira com a iluminação e uma permeabilidade visual, agregando atratividade para essa área que é mais aberta e convidativa.

- 01 - Telha metálica sobre laje
- 02 - Telha metálica e translúcida
- 03 - Pergolado metálico
- 04 - Telhado verde
- 05 - Laje impermeabilizada
-  - Caixa de água de 3.000 L
-  - Tanque vertical de 15.000 L

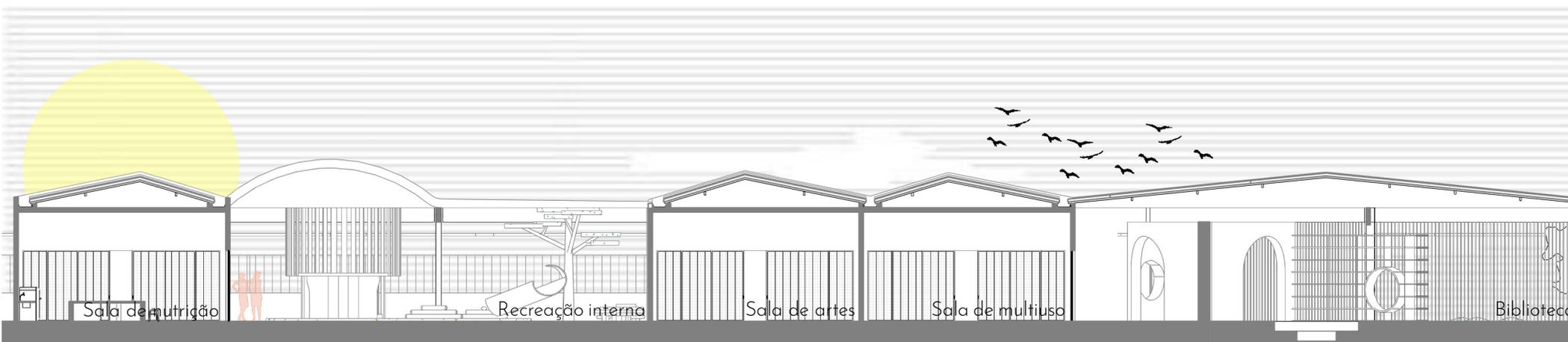
TOTAL = 27.000L

Fig. 61: Planta baixa da cobertura
Fonte: Autora, 2022.





CORTE AA
ESCALA 1: 200



CORTE BB
ESCALA 1: 200

Fig. 62 e 63: Corte com a relação de cobertura, calhas e a caixa d'água.
Fonte: Autora, 2022.

4.3 FACHADAS

Como citado anteriormente, a proposta das fachadas foi trazer um pouco do colorido e da leitura da brincadeira que tem dentro, para ser transmitido do lado externo. Assim trabalhou-se com molduras coloridas, na forma de casinha, que constrói um jogo de alturas, devido a diferenciação de inclinação. As molduras também são trabalhadas nos entornos das janelas das fachadas principais, que são a sul e a leste. A fachada oeste é onde se encontra o mini-bosque, que toma a maior parte dela e logo após está a entrada de serviços.

Referente as escolhas de esquadrias é proposto, para os ambientes que necessitam de maior privacidade, esquadrias menores e com vidro jateado. Enquanto os espaços destinados ao interação social, são dispostos esquadrias maiores e mais convidativas, no café e na recepção utiliza-se do vidro e nas salas situadas no leste escolheu-se

partas grandes de correr que permitem uma integração entre o interno e externo.

Em relação aos muros, esses são colocados apenas em duas áreas que precisam de uma maior segurança, pois são voltadas para as áreas onde as crianças tem o livre acesso. Portanto, foram colocados fechando a área de sala das crianças a leste e também o mini-bosque na fachada oeste e sul. A solução adotada foi uma parte de alvenaria, para assegurar melhor as crianças e a parte superior de gradil, mantendo ainda uma permeabilidade.

Em ambas as fachadas principais na geometria da blocos, proponhe-se um avanço de algum elemento. Ao sul é a guarita, em meio circulo e ao leste é a área central, com uma diagonal em brise, favorecendo a circulação da ventilação.



Fig. 64: Fachada Oeste
Fonte: Autora, 2022.



Fig. 65: Fachada Leste
Fonte: Aurora, 2022.



Fig. 65: Fachada Leste
Fonte: Autora, 2022.

4.4 A RECREAÇÃO

Adentrando ao ultimo tópico referente ao resultado desse Anteprojeto, apresenta-se a alma central da proposta: os ambientes de recreação e as estratégias utilizadas para proporcionar o desenvolvimento infantil através da brincadeira e do lúdico.

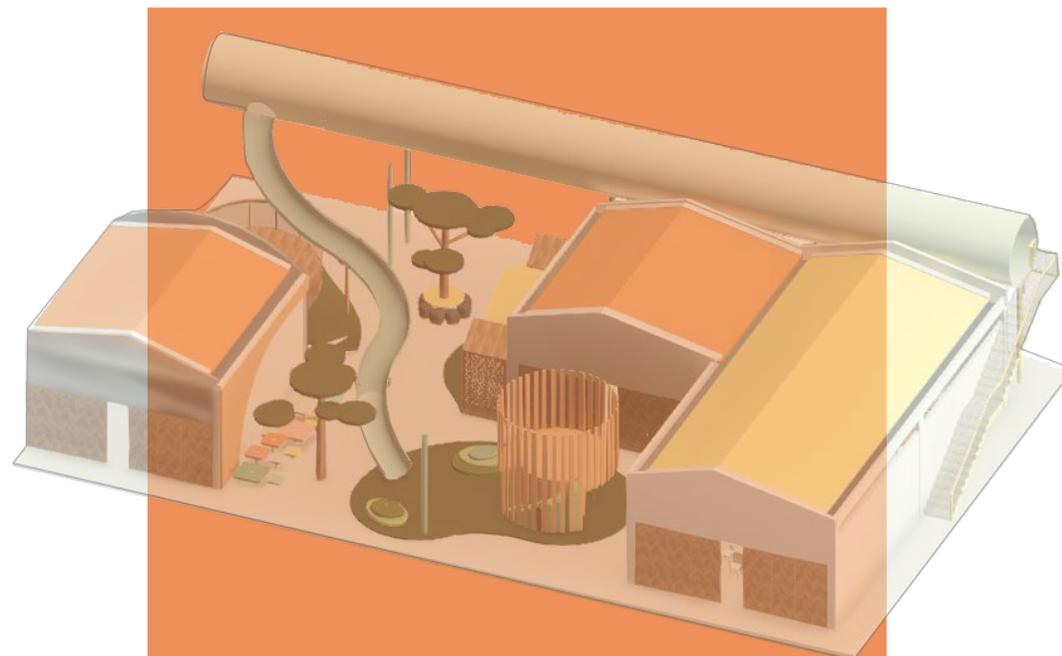
Para explicar melhor como foram distribuídos esses ambientes é qual a principal função de cada um, é importante trazer a tona novamente a estruturação realizada no referencial teórico, sobre as etapas do desenvolvimento infantil de Erik Erikson e as categorias da recreação. Pois os ambientes foram pensados como respostas as

necessidades e as características apresentadas por eles. Salienta-se que as estratégias das pedagogias inovadoras e os referenciais teóricos também contribuíram bastante para as decisões espaciais.

Os diagramas abaixo elencam as 4 categorias seguidas na proposta, que carregam palavras chaves para cada uma das fases da recreação. Relembrando de maneira resumida a relação ambiente e teoria temos: na fase da infância inicial (1-3 anos) o maior desenvolvimento motor e a busca por autonomia e opta-se por brincar mais só e fazer suas próprias descobertas, para essa etapa propõe-se a



Motor - sensorial



Recreação interna

4.4

Sala de desenvolvimento motor e sensorial; a idade do brincar (3-6 anos), ganha-se novas capacidades cognitivas tem a imaginação mas aguçada, e já interage com as outras crianças, sendo assim, é proposto o ambiente de **recreação interna**, que busca criar uma nova atmosfera e incentivar o jogo simbólico; a idade escolar (6-12 anos), tem como palavras chaves a imitação dos adultos e a busca por competências, começando a interagir com as outras crianças, para essa fase são destinadas as **salas de atividades e a biblioteca**; por fim, entre a evolução dessas fases, a criança continua com o desejo de explorar, ter maior independência e se desperta para brincar mais em grupo,

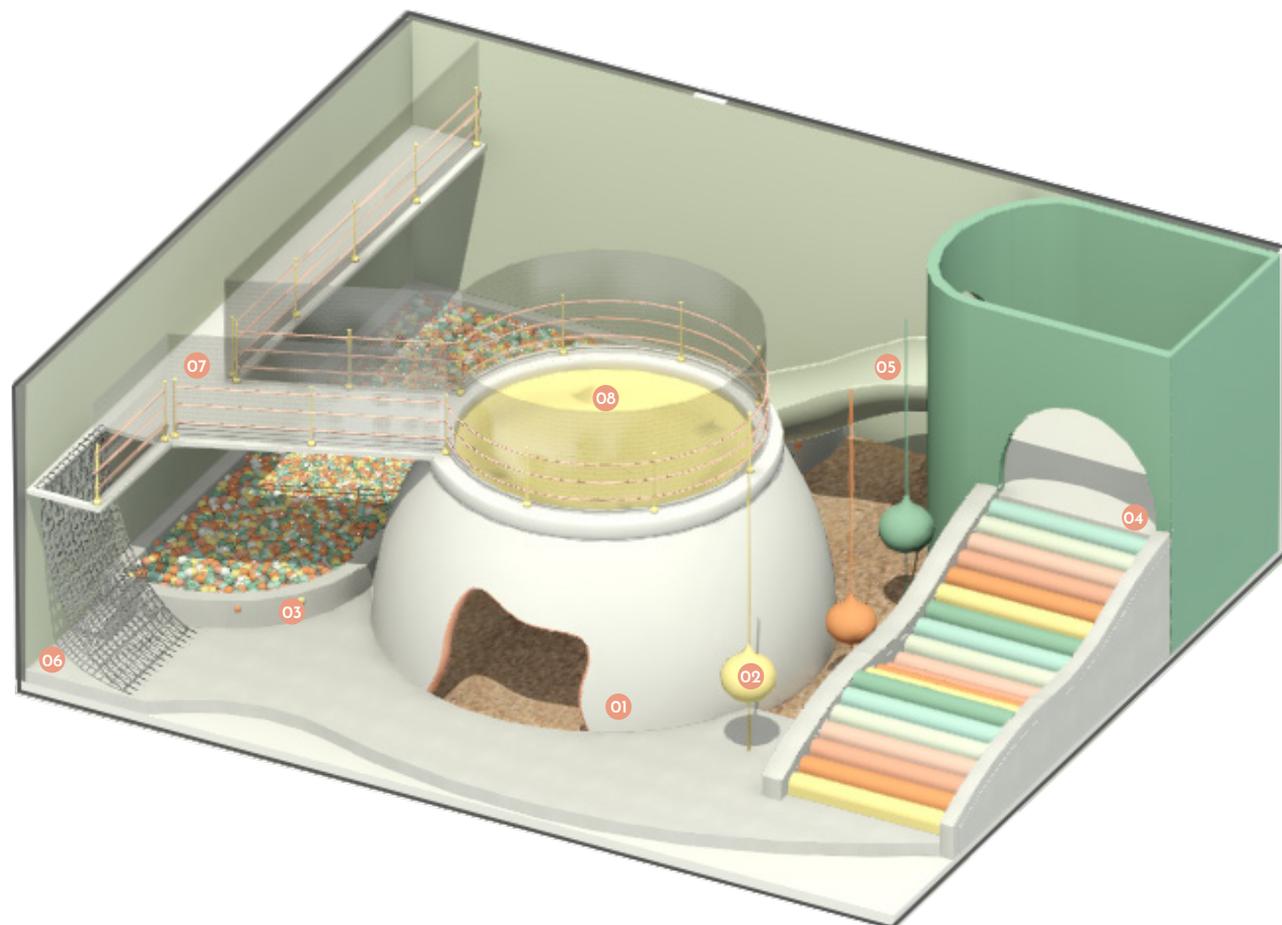
pensando na união das crianças se mesclando e convivendo através da brincadeira num mesmo espaço é proposto o último ambiente, sendo o grande pátio da **recreação externa**.

Com exceção do primeiro ambiente, que precisa ser mais reservado devido a faixa etária, todos os demais são interligados, gerando diferentes percursos e visuais. Assim buscou-se criar um fábrica de brincadeira, em que cada espaço é pensado especificamente para a criança e suas necessidades.



Fig. 68 e 69: Diagrama dos setores da recreação
Fonte: Autora, 2022.

4.4 SALA DE DESENVOLVIMENTO MOTOR SENSORIAL



As estratégias de recreação aplicadas nesse ambiente tem como foco central instigar experiências sensoriais e motoras, respeitando as necessidade da fase para qual a sala é destinada. Para gerar uma autonomia da criança, mas com segurança esse espaço é separado do exterior por um degrau de material acochoado.

Como indicado no diagrama ao lado foi proposto uma área de semi cúpula (01) tendo seu chão coberto por argila expandida, remete ao toque granuloso da areia. Seguindo na dinâmica sensorial há três elementos suspensos (02) que tem a textura de redinha, onde além do toque a criança pode se sustentar para exercitar o equilíbrio e por fim há a piscina de bolinhas (03).

Já no circuito motor, apesar de ser um espaço mais contido há algumas possibilidades de caminhos, onde são postos alguns obstáculos para que a criança se desafie. Portanto há uma rampa orgânica (04) que leva para uma torre que desce pelo escorregador (05). Na outra ponta da sala esta uma rede de escalada (06) com acesso a uma passarela suspensa (07) indo até parte superior da semi-cúpula onde também tem uma rede (08).

Fig. 70: Diagrama da sala de desenvolvimento motor sensorial
Fonte: Autora, 2022.

Fig. 71: Visão geral
Sala mortor/ sensorial
Fonte: Autora, 2022.

4.4



Fig. 72: Escorregado e
piscina de bolinhas.
Fonte: Autora, 2022.

4.4 RECREAÇÃO INTERNA

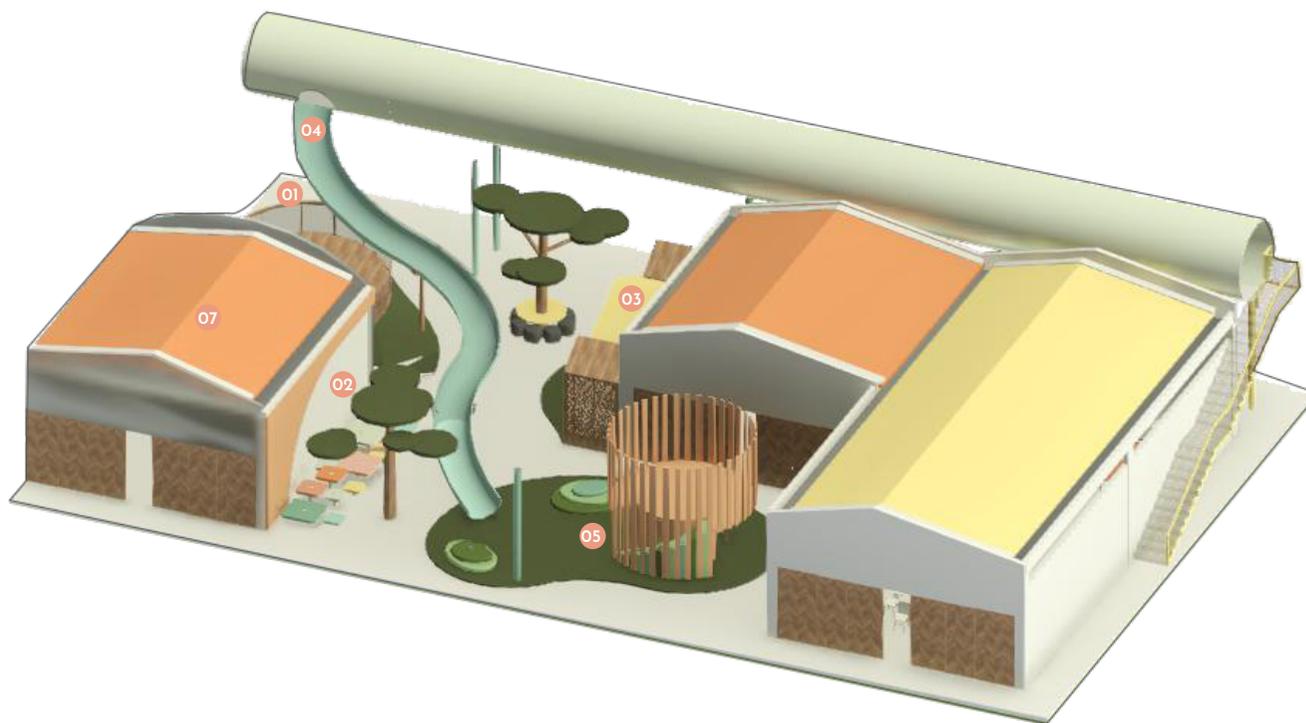


Fig. 73: Diagrama da recreação interna do Centro.
Fonte: Autora, 2022.

Para a recreação interna, buscou-se a construção de uma ambiente que incite a imaginação e o jogo simbólico. Dessa forma é criado uma representação de uma floresta, que da continuidade para as áreas verdes e arborizadas em ambos os lados. Como essa área esta entre as salas de atividades procurou-se criar núcleo de áreas que se relacionassem.

O primeiro ponto de recreação, ao chegar no espaço, é um elemento circular vazado e inclinado (01) que contém espaços para guardar brinquedos e blocos grandes para a criança poder construir e brincar protegida nesse espaço.

A parede direita (02), ao lado da sala de artes ficou reservada para ser permitido que a criatividade que ocorre dentro seja expressa fora. Assim ela é pintado com uma tinta que pode facilmente tirar o risco e renovar para outras artes. No chão ao lado dessa parede foram colocados quadradinhos coloridos em diferentes altura, com o intuito de simular obstáculos.

Na parede oposta estão três estruturas de casinha (03), destinadas a ser nincho de espera e socialização. Na casinha do meio a parede tem ganchos para a escalada. Todo esse espaço é cortado por um escorregador (04) que tem seu destino final num área com grama sintética é uma torre simulando uma casa na árvore (05).

Fig. 74: Vista da recreação interna.
Fonte: Autora, 2022.

4.4



Fig. 75: Vista 02 da recreação interna.
Fonte: Autora, 2022.



4.4 RECREAÇÃO INTERNA



Fig. 76: Vista da recreação interna
Fonte: Autora, 2022.



Fig. 76: Vista da recreação interna
Fonte: Autora, 2022.

4.4 Sala de atividades

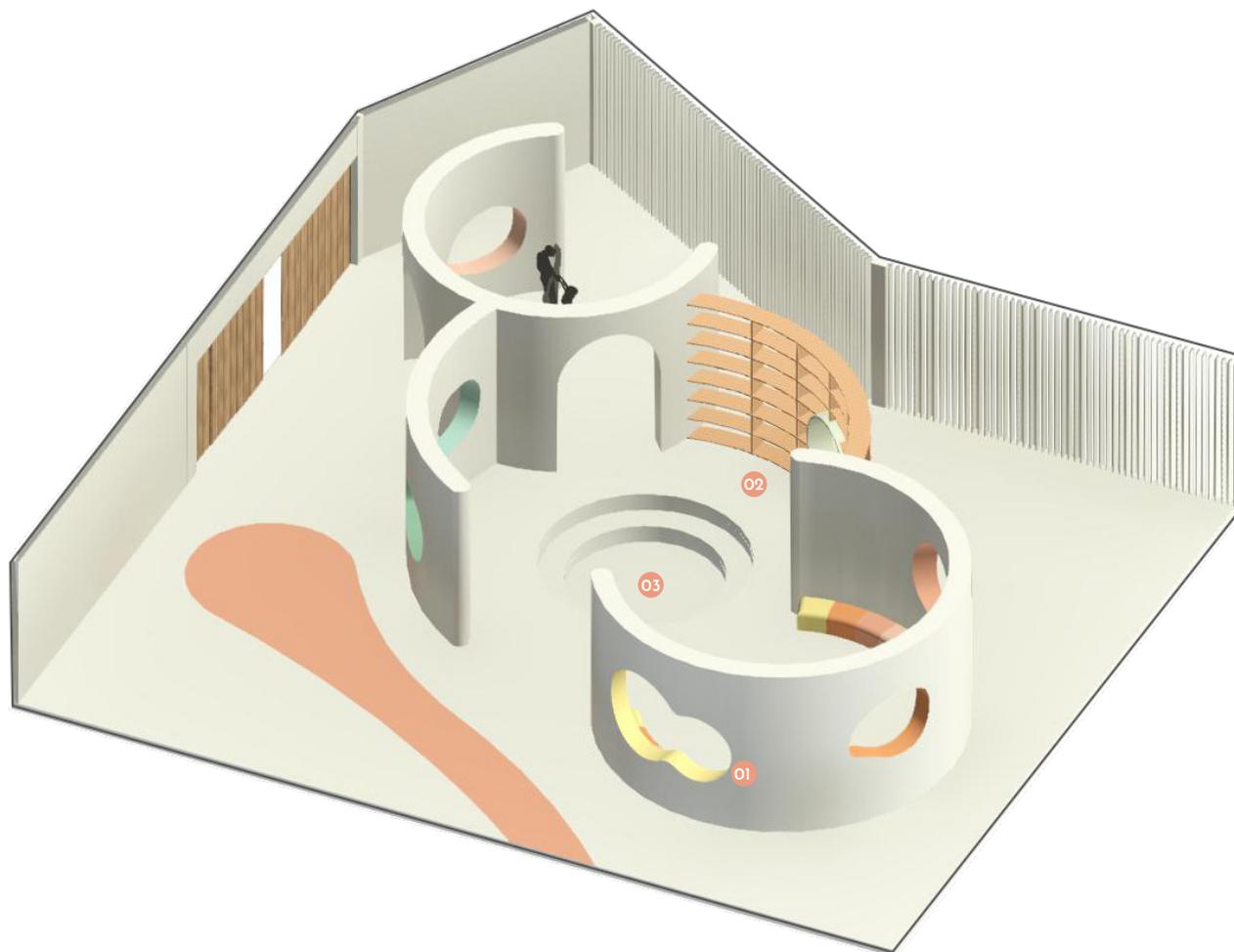


Fig. 77: Diagrama da biblioteca
Fonte: Autora, 2022.

Apesar do equipamento proposto não ser uma escola, pode-se perceber, através das referências citadas anteriormente, que há uma fase do desenvolvimento infantil em que adquirir competências torna-se bem importante para continuar na evolução cada dia. Assim na proposta foram elencados espaços destinados a atividades que permitam também ocorrer atrelado a brincadeira.

Os ambientes são uma sala de artes, uma sala de música e dança, uma sala de nutrição e uma biblioteca. Esses dois últimos buscou-se abordá-los de maneira lúdica e diferenciada do convencional, para garantir que as crianças adquiram novos conhecimentos de maneira divertida.

A sala de nutrição, dividi o espaço entre uma parte de atendimento e a outra uma mini cozinha, adaptada para o uso infantil. Estando alocada perto da horta pretende-se gerar o contato das crianças com as verduras e legumes. Esses podem ser colhidos na hora e já preparados.

Referente a biblioteca, fugiu-se também dos padrões convencionais, criando um espaço totalmente aberto, atrativo e que desperta a curiosidade. É formado por meio de círculos que se conectam, sendo um desses uma grande estante (O1). Nessas paredes foram abertas formas orgânicas (O2) para receber a criança. Ademais há uma área central (O3) para socialização acerca dos livros.

Fig. 78: Vista da biblioteca aberta.
Fonte: Autora, 2022.

4.4



Fig. 79: Vista do interior da biblioteca.
Fonte: Autora, 2022.

4.4 RECREAÇÃO EXTERNA

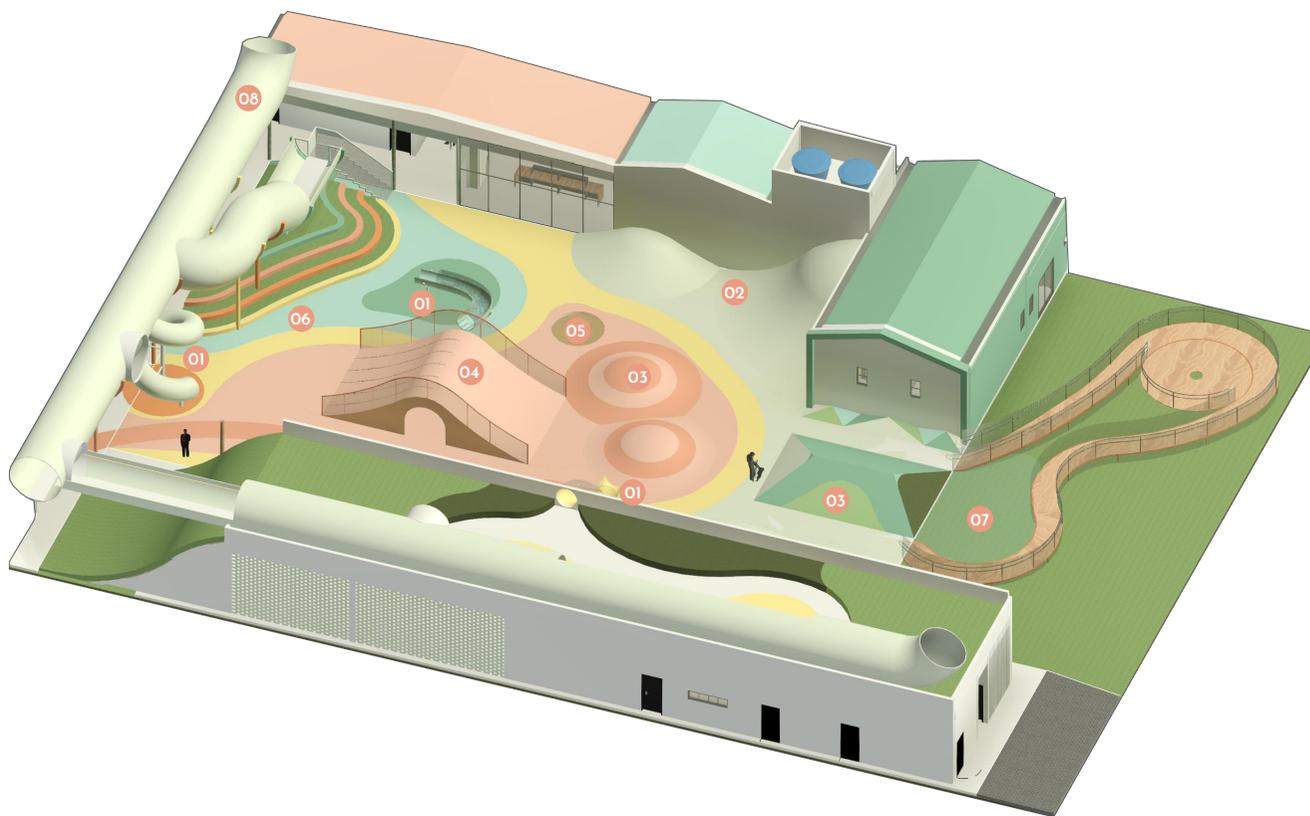


Fig. 80: Diagrama da área de recreação externa.
Fonte: Autora, 2022.

Por fim, temos a recreação externa, que se comporta como um grande estruturador e conector entre as outras áreas. Por estar localizado, no pátio central bem próximo a entrada, esse espaço é o cartão de visitas do Recre(i)ar. Ele dá boas vindas ao mundo da recreação. Para o desenho desse espaço, utilizou-se aspectos apreendidos dos referenciais projetuais, como a aposta no contraste entre as linhas mais regulares dos blocos e as mais sinuosas dos espaços destinados ao recrear.

Os principais elementos que compõem esse espaço são os morros e os escorregadores (01). Esses buscam gerar uma topografia com desníveis, trazendo surpresas para as crianças. Os morros (02) são divididos entre os maiores que vão do piso subindo em direção as paredes e também tem os menores (03) que são níveis que sobressaem do chão. Ademais há desnível para escalada (04), pula pula enterrado (05) e uma pequena arquibancada (06). Todos esses elementos são enfatizados pelos desenhos e as cores do piso.

Dando continuidade ao circuito da recreação externa há um deck suspense (07) entre as árvores do mini bosque. E como último elemento que passa por toda a edificação temos o tubo (08), sendo acessado perto da arquibancada, é indo até o final da edificação, chegando os jatos d'água. Ele também dá acesso a um terraço verde na cobertura.

Fig. 81: Vista do deck suspenso.
Fonte: Autora, 2022.

4.4

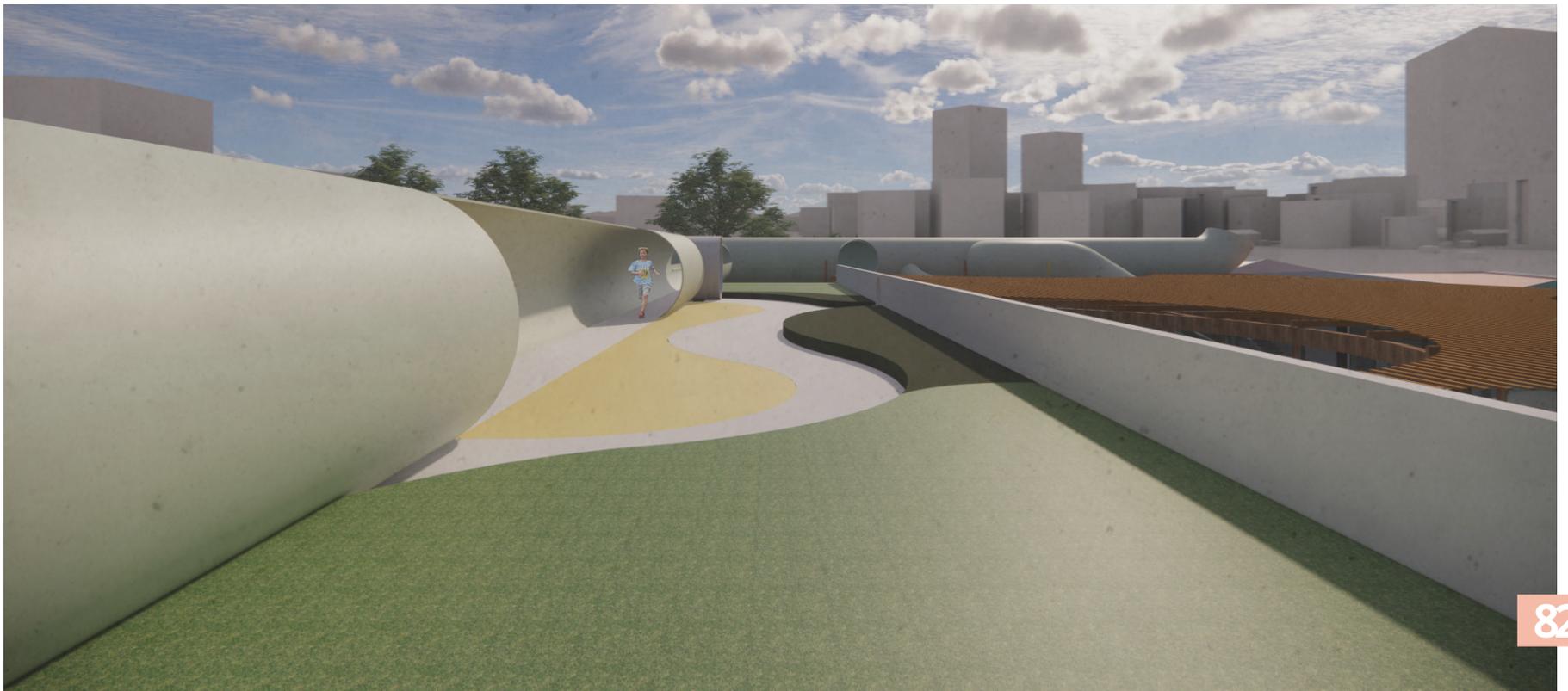
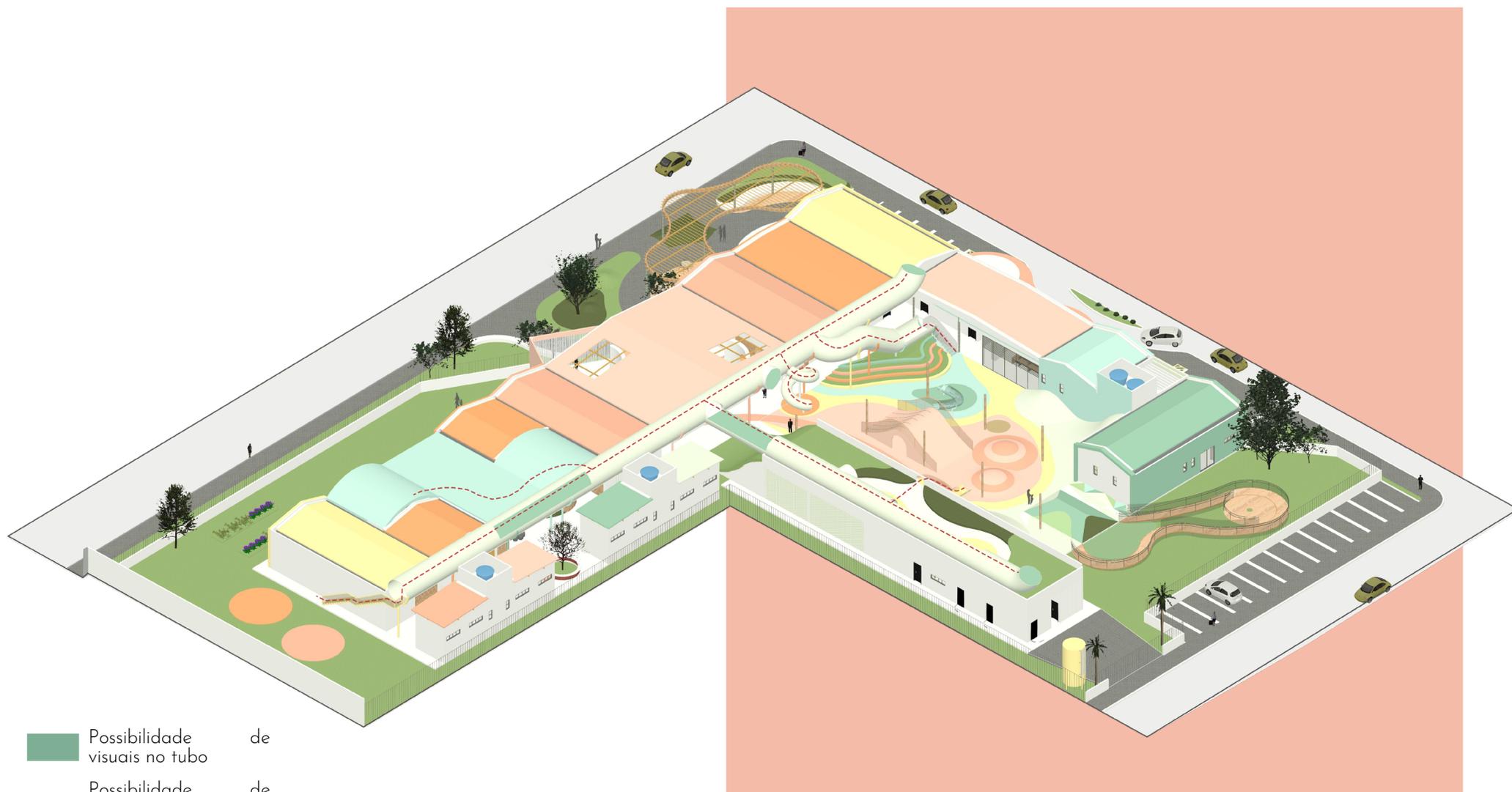


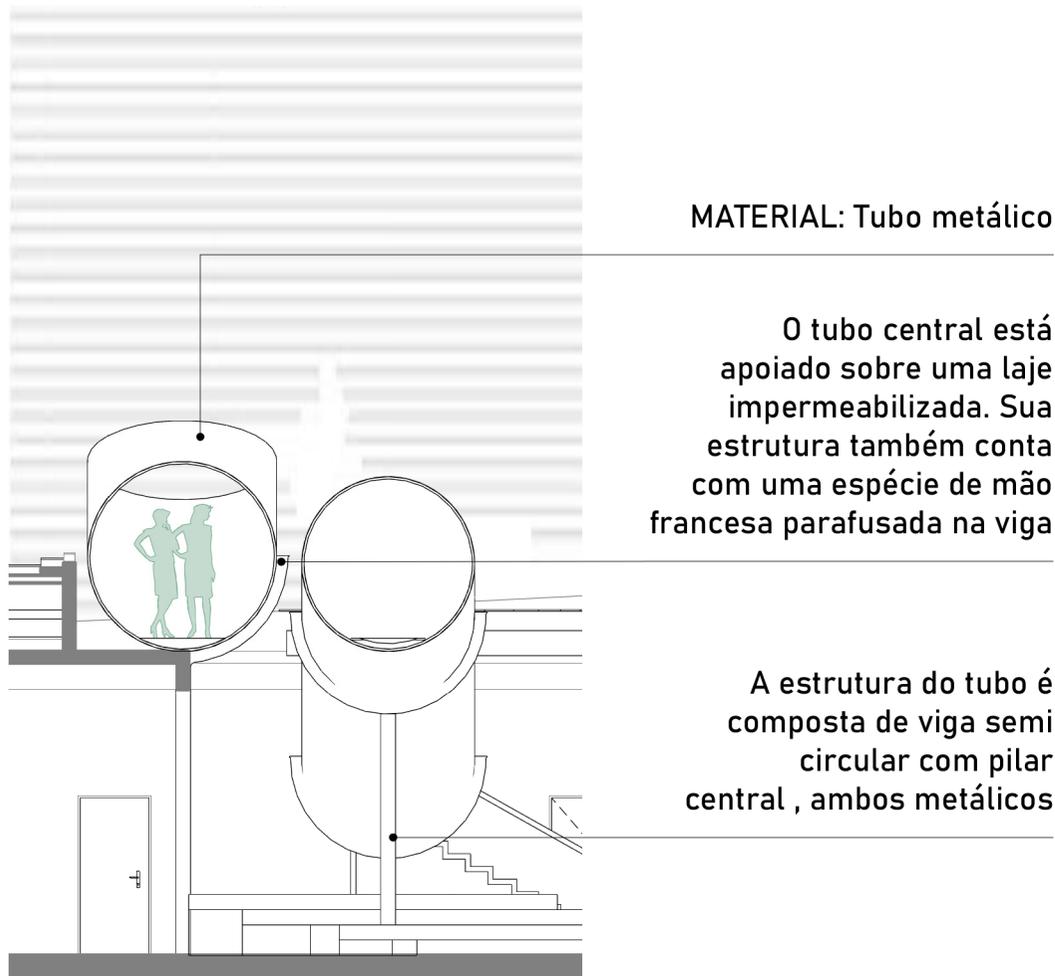
Fig. 82: Vista do terraço e do tubo.
Fonte: Autora 2022

4.4 RECREAÇÃO EXTERNA



- Possibilidade de visuais no tubo
- - - Possibilidade de percursos pelo tubo.

Fig. 83: Diagrama indicando os percursos e visuais do tubo.
Fonte: Autora, 2022.



Corte de detalhe do tubo
Escala 1: 100

Fig. 84: Corte de detalhe do tubo.
Fonte: Autora, 2022.

Este ultimo diagrama consegue mostra a proposta do Anteprojeto como um todo, mas dando um foco nas possibilidades de percurso que os tubos permitem. Como citado anteriormente esse elemento percorre o edifício inteiro tendo 4 possibilidades de saída, sendo 2 escadas nas extremidades e 2 escorregadores.

Ademais ele também foi pensado para proporcionar algumas visuais, para que as crianças pudessem parar um pouco e contemplar seja o céu ou o próprio Centro de recreação e as atividades que estão ocorrendo nele. O material e o sistema utilizado na estrutura de sustentação estão indicados no corte ao lado.

ESTRUTURA

Inclusive, referente ao sistema estrutural do projeto, ele foi realizado, tomando com base os gráficos de pre dimensionamento de Yopanan Rebello (2000). Optou-se pelo estrutura dos blocos da edificação em concreto, tendo o vão principal de 7,50 m, podendo ter algumas variações. O pé direito é de 4 m, altura tomada como base para acomodar melhor os ambientes de recreação. Assim as dimensões ficaram de pilares 15 x 30 e viga de 15 x 50, diferenciando apenas no vão da biblioteca que trabalhou-se um vão maior, alterando a viga para 15 x 70.

Outra diferença se deu nos pilares de borda de sustentação do tubo que foram trocado para metálicos e circulares, assim como a estrutura dos pergolados que também optou-se por estrutura metálica, com aparência externa de madeira, por gerar uma maior leveza.

4.4 RECREAÇÃO EXTERNA

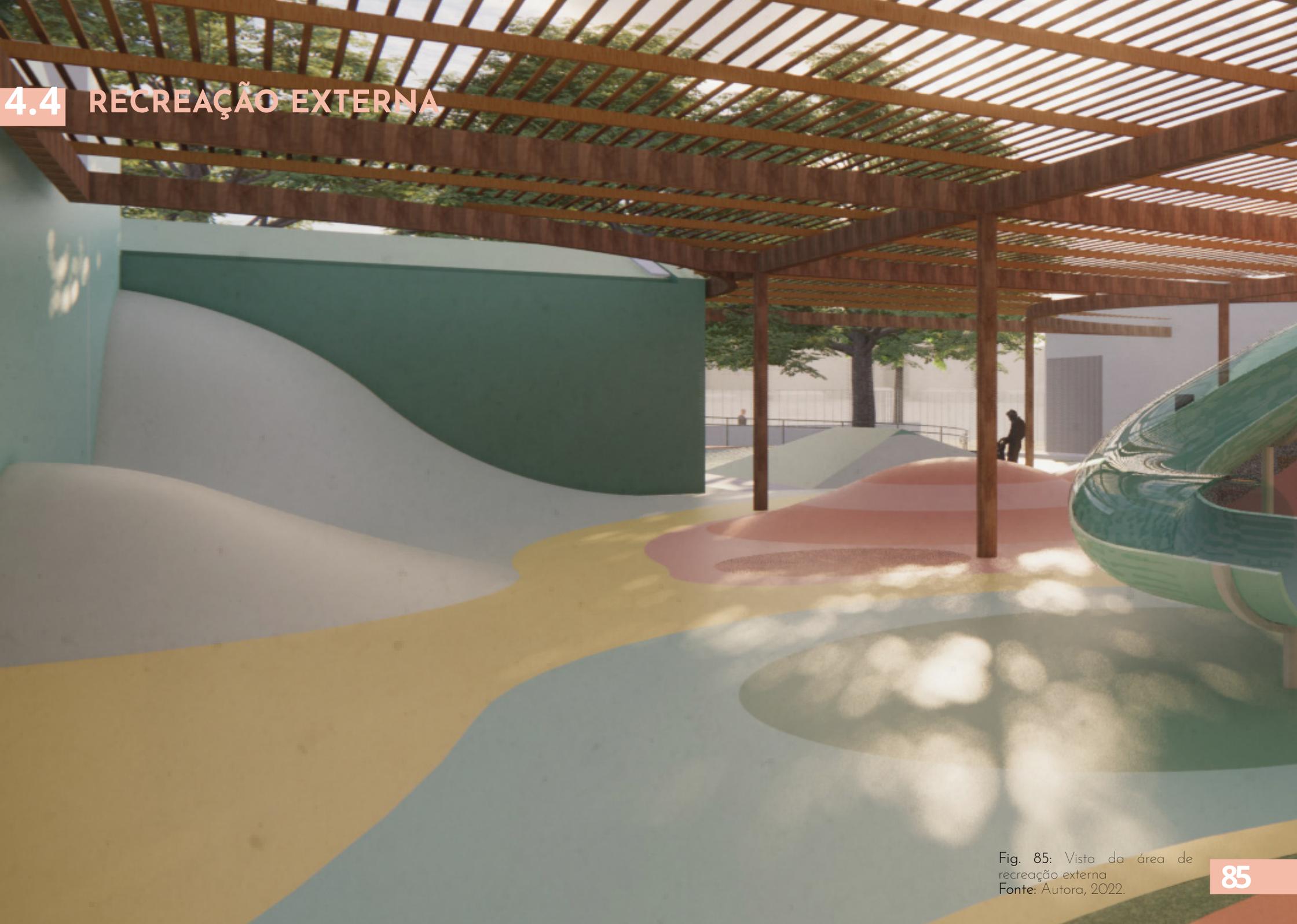


Fig. 85: Vista da área de recreação externa
Fonte: Autora, 2022.



Fig. 85: Vista da área de recreação externa
Fonte: Autara, 2022.

4.4 RECREAÇÃO EXTERNA



Fig. 86: Vista da área de recreação externa
Fonte: Autora, 2022.



Fig. 86: Vista da área de recreação externa
Fonte: Autora, 2022.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não teria como começar a conclusão desse trabalho sem falar sobre o motivo pelo qual ele foi iniciado: as crianças em vulnerabilidade social. Ao caminharmos pelas ruas da cidade de João Pessoa, mas em específico pelo bairro dos bancários, é quase impossível não se deparar com a cena de crianças expostas aos mais diversos perigos, estando em semáforos, sentada nas fachadas de estabelecimentos ou até mesmo deitadas em papelão nas calçadas.

Presenciar uma criança de poucos meses de vida, deitada no chão sob a marquise de uma farmácia ao lado da sua mãe que observava, possivelmente, seus outros filhos pedindo dinheiro no semáforo é de partir o coração. Portanto, como a arquitetura é uma ferramenta de transformação social, buscou-se através dela propor um espaço que pudesse tirar essas crianças dessa situação e dar uma outra perspectiva de vida para esse público.

A partir dessa demanda iniciou-se a jornada desse trabalho. É foi por meio de muita pesquisa, que se compreendeu que a recreação poderia ser uma resposta a essa problemática. Pois, a partir da conceituação da importância da infância e de como passar por ela, realmente, respeitando e entendendo a necessidade de cada estágio é primordial para um bom desenvolvimento das demais fases da vida. É um ciclo, cada novo estágio depende da resolução do anterior.

Essa visão do uso da brincadeira para um bom desenvolvimento infantil já vem sendo bastante difundida no mundo. Principalmente, de acordo com as pesquisas, no continente asiático, onde cada vez

mais são criados esses equipamentos para gerar um assistência para as crianças, onde seus pais trabalham o dia todo e elas podem entrar num mundo só delas e explorar.

É nessa perspectiva que surgiu o Recre(i)ar, almejando criar um espaço que ao adentrar nele, as limitações da sua realidade fossem deixadas do lado de fora e as crianças se sentissem capaz de explorar livremente, usando os seu próprio corpo e os recursos disponíveis no espaço. Podendo ser reconhecida pelas suas conquistas e enconrajadas a continuar progredindo.

É como cada espaço de recreação foi pensado e vinculado com um estudo teórico por trás, a criança consegue de maneira lúdica continuar evoluindo e ganhando mais confiança em si mesmo e em suas capacidades. E por fim entender, que ela não é definida pela sua realidade, mas ela pode escolher definir uma nova realidade para si.

Levando em consideração, os objetivos que se pretendiam alcançar, acredita-se que, diante do proposto e das limitações, eles foram supridos. Gerando um resultado que é agradável tanto visualmente, quanto pela relação criada do aporte teórico. Mas por ser um equipamento, de certa maneira, novo para a realidade brasileira e ainda mais destinado para o público de crianças vulneráveis, propõe-se que os estudos continue sempre sendo aprimorado para que esse público possa ser assistido de maneira cada vez melhor e as estratégias vão sendo refinadas.



RECRE(D)AR
Obrigado!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



06

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRINQ, Fundação. **Cenário da Infância e Adolescência no Brasil, 2021**, 1ª edição, 2021.
- ABRINQ, Fundação. **Cenário da Infância e Adolescência no Brasil, 2018**, 1ª edição, 2018.
- ALVES, Karla Santiago; MORAIS, Emyslane Gomes e VALADARES, Caroline de Almeida. **A importância dos jogos e brincadeiras na educação infantil**. TCC (Licenciatura) - Curso de Pedagogia, Faculdade Doctum de Serra, Rio de Janeiro, 2017.
- ARCHDAILY Brasil. **Centro Comunitário para Crianças The Playscape / waa**. 2021. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/962898/centro-comunitario-para-criancas-the-playscape-waa>> Acesso em: 05 de setembro de 2022.
- ARCHDAILY Brasil. **Jerusalen de Miñaro Primary School / Semillas**. 2018. ArchDaily. Disponível em: <<https://www.archdaily.com/893791/new-jerusalen-de-minaro-primary-school-semillas>> Acesso em: 15 de setembro de 2022.
- ARCHDAILY Brasil. **Escola Maple Bear Marília / Fagner Mendes Gava Arquitetos**. 2022. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/980819/escola-maple-bear-marilia-fagner-mendes-gava-arquitetos?ad_source=myarchdaily&ad_medium=bookmark-show&ad_content=current-user> Acesso em: 05 de setembro de 2022.
- BARROS, Mônica Caroline Ferreira. **CREI Cabedelo: edifício escolar para a primeira infância**. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Básica. Parâmetros básicos de infraestrutura para instituições de educação infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2006.
- CARVALHO, Marianne da Cruz de. **A importância do brincar na construção de conhecimentos de crianças na pré-escola**. Dissertação Mestrado. Porto, 2016.
- DUARTE, Amanda Ribeiro. **Direitos da criança e do adolescente**. 2018. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/70501/direitos-da-crianca-e-do-adolescente>> Acesso em: 19 de setembro de 2022.
- ECA - **Estatuto da Criança e do Adolescente**, por meio da Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990.
- FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO. **Manual de Orientação Técnica. Seleção de terreno para edificações escolares e implantação de obras**. Volume 01. Brasília, 2017.
- GUSMÃO, Marcele Eller. **Arquitetura escolar inclusiva - Concepção de espaços sensoriais**. Palmas - TO, 2018.
- IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua** 2019.
- IPEA. **Atlas da vulnerabilidade social nos municípios brasileiros / editores: Marco Aurélio Costa, Bárbara Oliveira Marguti**. - Brasília, 2015.
- JOÃO PESSOA. Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social - SEDES, Prefeitura Municipal de João Pessoa Sposati; Aldaíza (coord.); Ramos, Frederico; Koga, Dirce; Conserva, Marinalva; Silveira Jr., Constantino; Gambardella, Alice -

Topografia Social de João Pessoa. Cedest/IEE/PUCSP. 2009

LANZ, Helza Ricarte. **Educação, cultura e estética na primeira infância: Projeto Amares em Colônia, Alemanha.** Revista Conhecer Debate entre o público e o privado, v. 9, n° 23, p. 220-240, março 2019. Disponível em: <<https://revistas.uece.br/index.php/revistaconhecer/article/view/1178/1257>> Acesso em: 25 de setembro de 2022.

KOWALTOWSKI, Doris C.C.K. **Arquitetura escolar: O projeto do ambiente de ensino.** Oficina de textos. São Paulo, 2011.

LEÃO JUNIOR, Cleber Mena. **O que é recreação?**, 2020. Disponível em: <<https://www.cleberjunior.com.br/post/o-que-e-recreacao>> Acesso em: 21 de outubro de 2022.

MIGLIANI, Audrey. **A importância do ambiente na abordagem Reggio Emilia.** Archdaily Brasil, 2020. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/943136/a-importancia-do-ambiente-na-abordagem-reggio-emilia>> Acesso em: 27 de setembro de 2022.

MIGLIANI, Audrey. **Como estimular a autonomia das crianças através da arquitetura e o método Montessori.** Archdaily Brasil, 2019. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/928963/como-estimular-a-autonomia-das-criancas-atraves-da-arquitetura-e-o-metodo-montessori>> Acesso em: 27 de setembro de 2022. MELO,

PASCHOAL, Jaqueline Delgado e MACHADO, Maria Cristina Gomes. **A história da educação Infantil no Brasil: Avanços retrocessos e desafios dessa modalidade educacional.** Revista HISTEDBR On-line, Campinas, v. 9, n° 33, p.78-95, março, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639555>> Acesso em: 17 de março de 2022.

RABELLO, Elaine e PASSOS, José Silveira. **Erikson e a teoria psicossocial do desenvolvimento.** 2007. Disponível em: <<https://josesilveira.com/wp-content/uploads/2018/07/Erikson-e-a-teoria-psicossocial-do-desenvolvimento.pdf>> Acesso em: 19 de setembro de 2022.

SILVA, Débora Alice Machado; STOPPA, Edmur Antonio; ISAYAMA, Helder Ferreira; MARCELLINO, Nelson Carvalho e MELO, Victor Andrade. **A importância da recreação e do lazer.** Cadernos interativos - elementos para o desenvolvimento de políticas, programas e projetos intersetoriais, enfatizando a relação lazer, escola e processo educativo, n° 4, 1ª Edição, Brasília, 2011.

SILVA, Luzia Inocência da. **A importância do brincar na educação infantil.** João Pessoa - PB, 2014.

SILVA, Maria Elisângela Numeriano da. **A percepção de educadores sobre Vulnerabilidade Social e aprendizagem de alunos do Ensino Infantil no município de areia - PB.** João Pessoa - PB, 2018.

SOUSA, Patrícia Alexandra Rebeca. **A importância do brincar: brincar e jogar na infância.** Dissertação de Mestrado. Instituto Superior de Educação e Ciências. Lisboa, 2015.

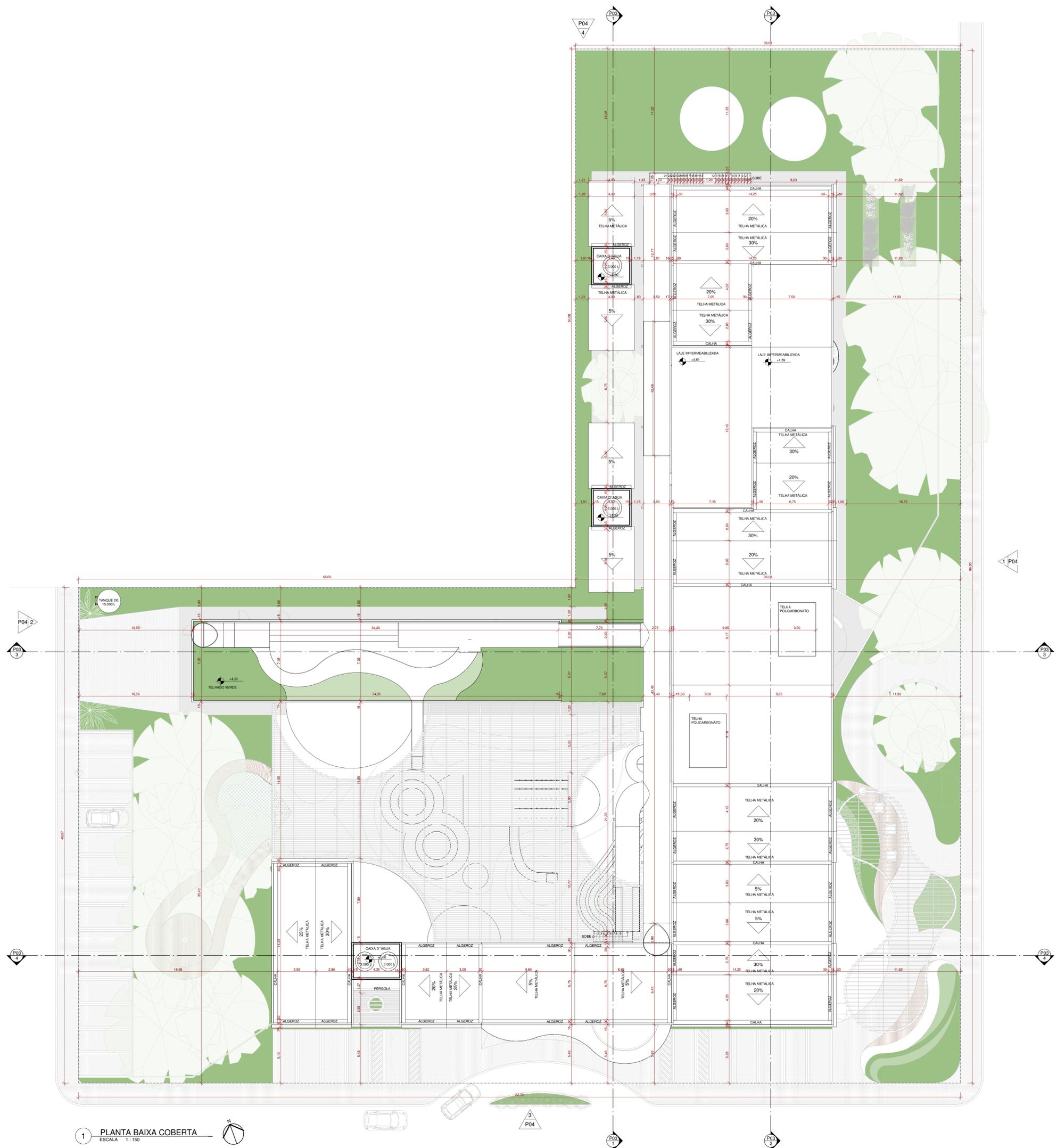
VASCONCELOS, Mônica. **A importância da primeira Infância para o desenvolvimento da sociedade é tema da próxima web conferência.** Faculdade de medicina UFMG, 2020. Disponível em: <medicina.ufmg.br/a-importancia-da-primeira-infancia-para-o-desenvolvimento-da-sociedade-e-tema-da-proxima-webconferencia/> Acesso em: 31 de agosto de 2022.

XIMENES, D.A. **Vulnerabilidade social.** Gestrado Mestrado UFMG. Belo Horizonte, 2010.

APÊNDICE



07



1 PLANTA BAIXA COBERTA
ESCALA 1:150

RECRE(I)AR

Centro de recreação para crianças em vulnerabilidade social em João Pessoa, PB.

PRANCHA: P01/02	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CENTRO DE TECNOLOGIA DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO	
ESCALAS 1:150	DESENHOS: PLANTA DE SITUAÇÃO E LOCAÇÃO E COBERTA	DADOS DO PROJETO
	ORIENTADORA: Wylma Carlos Lima Vida	ÁREA DO TERRENO: 6196,35 m ² ÁREA TERREÇO: 2079,12 m ² ÁREA PERMEÁVEL: 1499,50 m ² = 24% TAXA DE OCUPAÇÃO: 33,55% ÍNDICE DE APROVEITAMENTO: 0,34
	ORIENTANDA: Janaina Karolayne de Lima Barbosa	
	PROJETO: Centro de recreação em João Pessoa -PB	

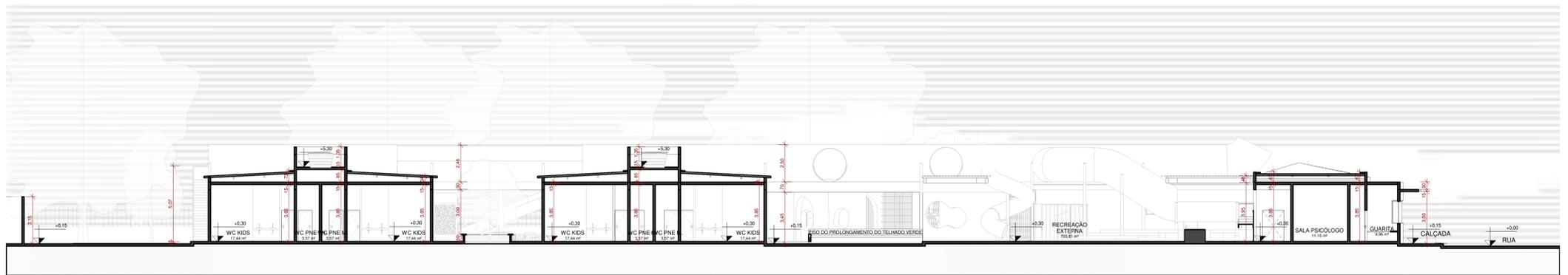


1 PLANTA BAIXA TÉRREO
ESCALA 1:150

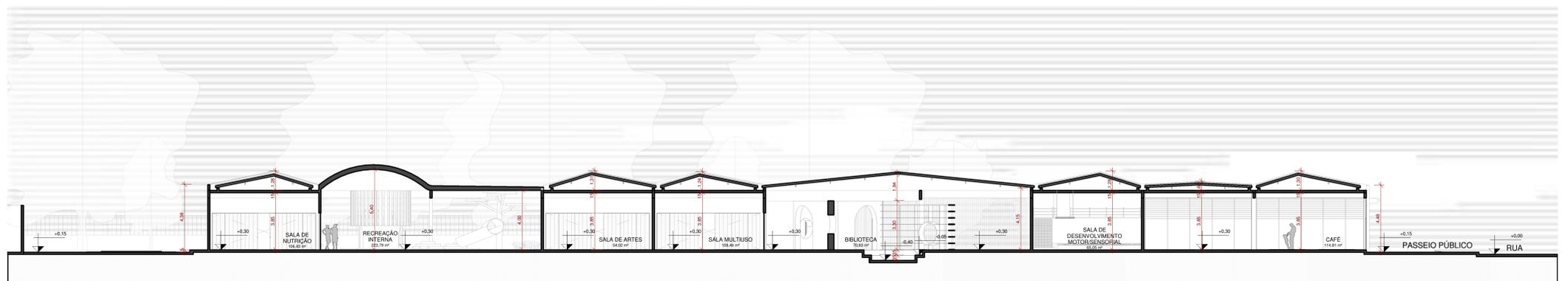
RECRE(I)AR

Centro de recreação para crianças em vulnerabilidade social em João Pessoa, PB.

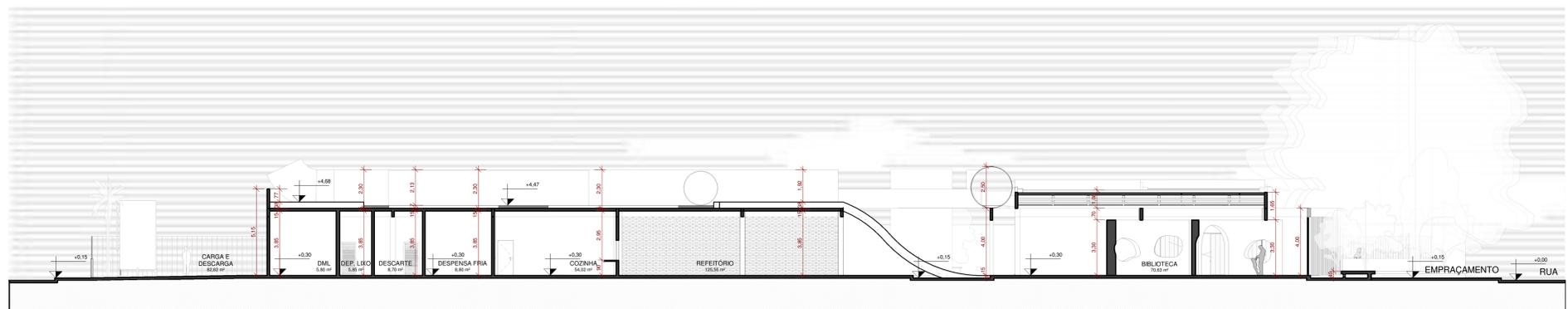
FRANCHA: P02/02	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CENTRO DE TECNOLOGIA DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO	
ESCALAS 1:150	DESENHOS: PLANTA BAIXA TÉRREO	DADOS DO PROJETO
	ORIENTADORA: Wynna Carlos Lima Vida	ÁREA DO TERRENO: 6196,35 m ² ÁREA TÉRRECO: 3079,12 m ² ÁREA PERMEÁVEL: 1499,50 m ² = 24% TAXA DE OCUPAÇÃO: 33,55% ÍNDICE DE APROVEITAMENTO: 0,34
	ORIENTANDA: Janaina Karolayne de Lima Barboza	
	PROJETO: Centro de recreação em João Pessoa -PB	



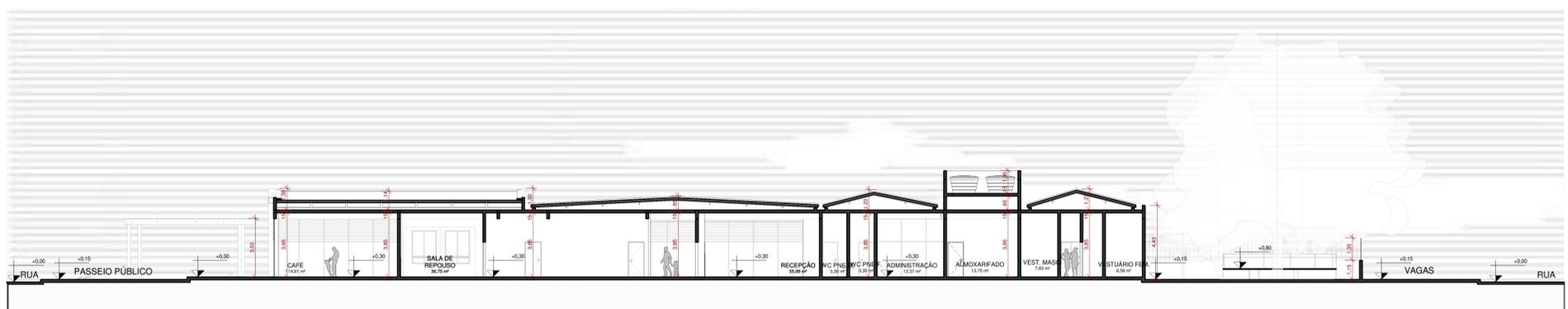
1 CORTE A
ESCALA 1:150



2 CORTE B
ESCALA 1:150



3 CORTE C
ESCALA 1:150



4 CORTE D
ESCALA 1:150

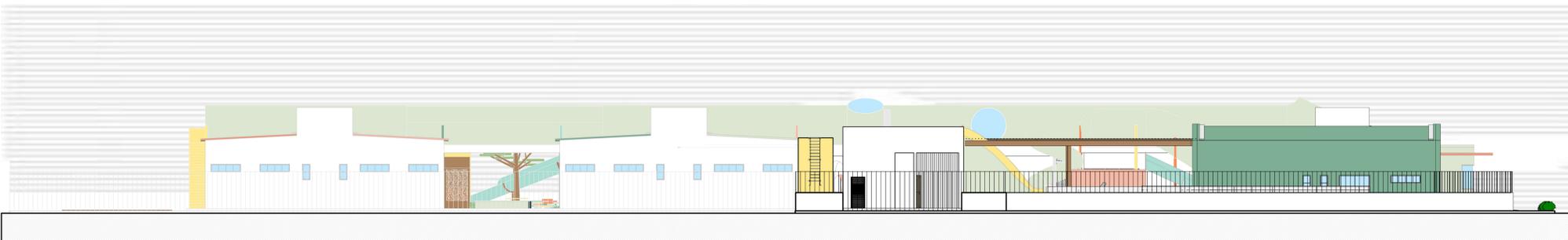
RECRE(I)AR

Centro de recreação para crianças em vulnerabilidade social em João Pessoa, PB.

FRANCHA: P03/02	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CENTRO DE TECNOLOGIA DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO	
ESCALAS 1:150	DESENHOS: CORTES	DADOS DO PROJETO ÁREA DO TERRENO: 6196,35 m ² ÁREA TÉRREO: 2079,12 m ² ÁREA PERMEÁVEL: 1499,50 m ² = 24% TAXA DE OCUPAÇÃO: 33,55% ÍNDICE DE APROVEITAMENTO: 0,34
	ORIENTADORA: Wylma Carlos Lima Vida	
	ORIENTANDA: Janaina Karolayne de Lima Barboza	
	PROJETO: Centro de recreação em João Pessoa -PB	



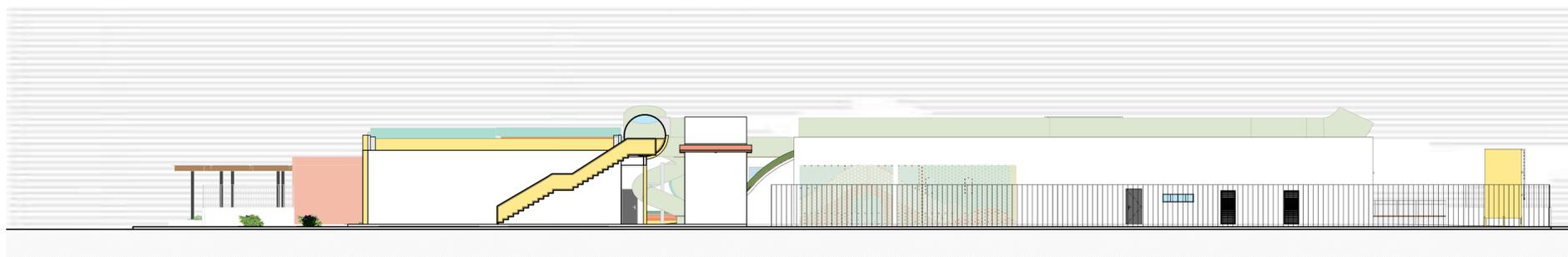
1 FACHADA LESTE
ESCALA 1:150



2 FACHADA OESTE
ESCALA 1:150



3 FACHADA SUL
ESCALA 1:150



4 FACHADA NORTE
ESCALA 1:150



RECRE(I)AR

Centro de recreação para crianças em vulnerabilidade social em João Pessoa, PB.

PRANCHA: P04/02	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CENTRO DE TECNOLOGIA DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO	
ESCALAS 1:150	DESENHOS: FACHADAS	DADOS DO PROJETO
	ORIENTADORA: Wynna Carlos Lima Vida	ÁREA DO TERRENO: 6196,35 m ² ÁREA TERREÇO: 2079,12 m ² ÁREA CONSTRUIDA TOTAL: 2079,12 m ² ÁREA PERMEÁVEL: 1499,50 m ² = 24% TAXA DE OCUPAÇÃO: 33,55% ÍNDICE DE APROVEITAMENTO: 0,34
	ORIENTANDA: Janaina Karolayne de Lima Barboza	
	PROJETO: Centro de recreação em João Pessoa -PB	